ANO 25 · TERÇA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 1946 · N.º 8318

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273 · REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA · EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: *DIBOA* · RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA · ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º · NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

A EPOPEIA DO CARVÃO

A vida dos homens-ratos

que trabalham no fundo da mina

extraindo o minério do fogo

Esta segunda jornada do carvão é mais negra. A mina não pára, não cansa. Brocam-na, ferem-na, perfuram-na, esfacelam-a por todos os sitios, sem a exaurir nunca. O enorme gigante dá, penosamente, o seu sangue há três seculos. Resiste sempre. Defende-se, luta nas trevas. O monstro arreganha as fauces dentadas e ferozes, onde há que ir buscar o minerio, perigosamente, ou, então, rebentar-lhe o ventre a dinamite para lhe arrancar as entranhas mais reconditas.

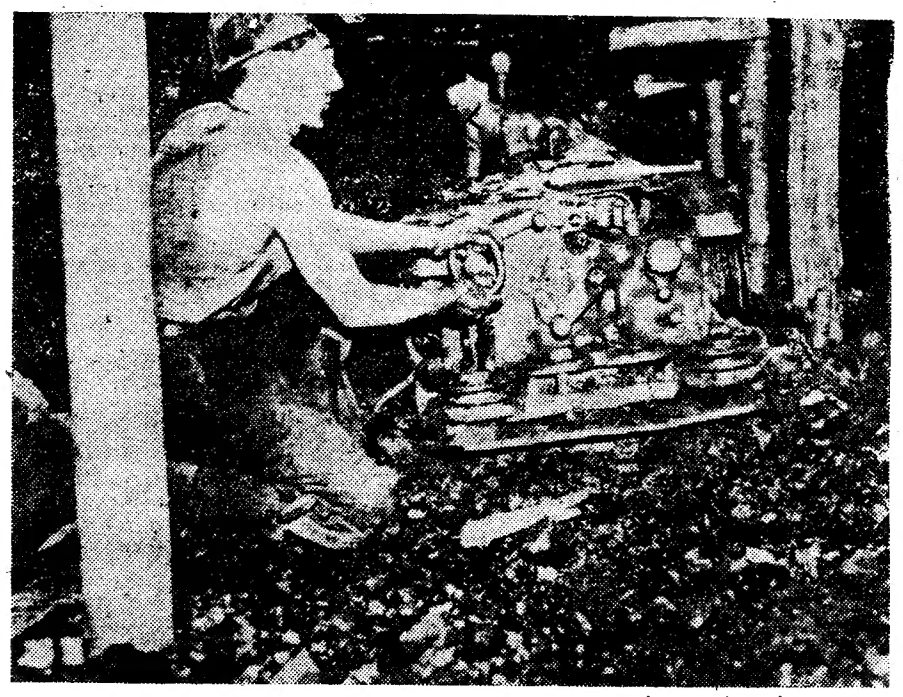
A noite é imovel, total. Há mais do que trevas porque o silencio em muitas partes amassa-se com elas num negrume que se tateia, apalpa em massas de ar humidas e viscosas.

Cem metros acima de nós, há a vida liberta da terra, rios correm, mulheres cantam na safra do carvão e uma nuvem brinca num raio de sol, desdobrando as suas asas de anjo; cem metros abaixo, nos poços de exploração mais fundos há vida tambem, mas diferente, sepultada na escuridão, onde os unicos sinais são o grito agudo da picareta e o arquejar ansioso dos pulmões na exaustão da atmosfera.

Quando chega a hora do descanso os mineiros não sobem á superficie. Desprendem o saquitel, bem magro e ligeiro, do tecto da galeria e, mesmo com as mãos mascarradas, enluvadas de negro, partem a brôa e o presigo, mastigando vagarosamente para encontrar o sabôr dos alimentos entre o travo seco e amargo do carvão. A

ARTUR PORTELA

(Continua na 3.ª pag.)



Operário trabalhando com um mecanismo no fundo da mina

A evolução da crise francesa

PARIS, 22.—O orgão oficial do Partido Progressista Católico, «Aube», diz no seu numero de hoje que esse partido está pronto a entrar num Governo de coligação, mas não sob a chefia comunista. O jornal lamenta que Léon Blum, «cuja forte personalidade se teria imposto a todos», esteja fisicamente incapaz de presidir ao Governo e refere-se aos outros chefes politicos possiveis—Vincent Aurial, Felix Gouin e André Philip.

Justificando a recusa para aceitar Maurice Thorex como chefe do Governo, o jornal pergunta se os comunistas aceitariam a presidencia de um politico do Partido Progressista Católico. Entretanto, os comunistas mantem a sua campanha para que seja um seu correligionário chefe do novo Governo.

O jornal das direitas «Époque» faz esta pergunta: «A resignação do general De Gaulle conduzirá a França a uma ditadura marxista?» O articulista acrescenta: «A mascarada da unanimidade, que não permitiu á França fazer uma escolha clara, perde todas as perspectivas com o afastamento do general De Gaulle».

O artigo conclui assim: «A situação é agora clara:—a França quer ou não quer uma ditadura marxista?»

Entretanto, toda a Imprensa, desde a extrema direita até á comunista, deplora o momento escolhido pelo general De Gaulle para o seu afastamento e recusa-se a aceitar as razões

(Continua na 8.ª pag)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

D. JOÃO DE BOURBON

D. João de Bourbon, sendo o 3.º filho varão de Afonso XIII e de D. Vitoria Eugenia de Battemberg, e o mais novo dos dois que ainda vivem, é o pretendente ao trono de Espanha por uma série de circunstancias que talvez interesse recordar.

Assim, o primogenito, herdeiro da corôa e titular do Principado das Asturias, morreu num desastre que lhe provocou a hemorragia própria da hemofilia, depois de se ter casado e divorciado na America, longe da sua terra e dos seus, já afastados do trono de Espanha, ao qual aliás, teria de renunciar pela doença que lhe tolhera a mocidade, quase sem poder arrastar as pernas.

D. Jaime, 2.º filho de Afonso XIII e de D. Vitoria Eugénia, nasceu surdo-mudo e, ainda que tenha feito progressos nas dificeis possibilidades de ouvir e falar, não poderia ser rei de Espanha. Era de todos os filhos de Afonso XIII o que mais se lhe parecia, alto e moreno, com os seus traços fisionomicos caracteristicos e com semelhante vivacidade e inteligência. A sua opinião, expressa em sons articulados em prodigios de vontade, era escutada com interesse. Vivia ultimamente em Roma e casou com uma senhora francesa, de apelido Dampierre.

Seguiam-se na idade, ainda que excluidas do trono pela Lei Salica, as infantas D. Beatriz e D. Cristina, morena a primeira, muito Habsburgo como a avó Cristina, loura a segunda, como a mãe, Battenberg, e ambas saudaveis porque a tára materna se acusa apenas nos filhos varões. Altas, belas e simpaticas, casaram ambas, respectivamente com o principe de Torlonia e com o conde de Marone.

D. Gonçalo, o mais novo dos filhos dos ultimos reis de Espanha, mais novo que D. João, morreu em condições semelhantes ás do seu irmão mais velho—e pelas mesmas causas: hemorragias provenientes da hemofilia.

O herdeiro do trono de Espanha seria, portanto, D. João, que fez tirocinio para oficial de Marinha na armada inglesa e ultimamente vive em Lausana, na Suiça. Alto—e altivo no que se refere ao possivel uso das suas prerotivas—disfrutou sempre da fama de amante da verdade e de inimigo de intrigas palacianas e politicas. E' casado com sua prima a infanta Maria, filha do infante D. Carlos, viuvo da princesa Mercedes, irmã mais velha de Afonso XIII, e depois casado, em segundas nupcias, com D. Luiza de Orleans, filha dos condes de Paris e irmã da sr.ª D. Amelia de Bragança.

A outra filha de D. Carlos de Bourbon, que foi capitão-general da Andaluzia e que sempre continuou vivendo em Sevilha, casou com D. Pedro de Orleans Bragança, descendente dos imperadores do Brasil, que por sua vez é irmão de D. Maria Francisca de Bragança, esposa do principe D. Duarte Nuno.

Do matrimonio de D. João com sua prima nasceram quatro filhos, entre os quais uma menina que é cega.

Entre as personalidades que de Espanha se anuncia que virão a Lisboa esperar o principe D. João conta-se o infante Afonso de Orleans-Bourbon, filho primogenito de D. António de Orleans e da infanta D. Eulália de Bourbon, irmã mais nova de Afonso XII. Fora exonerado do Infantado de Espanha por ter contraido matrimónio sem autorização de Afonso XIII, e readmitido por pedido de perdão, subscrito por sua mãe, D. Eulália. Viveu em Marrocos, dedicado á aviação, e ultimamente em Sevilha, exercendo funções superiores na arma aeronautica.

Como chegou D. João

3.º filho varão de Afonso XIII

à sua condição actual

de pretendente ao trono da Espanha

Da esquerda para a direita: *D. Jaime, D. Beatriz, D. Gonçalo, Afonso XIII, o principe das Asturias, D. Cristina e D. João, o pretendente*

A próxima chegada do principe

Ignora-se a data da chegada de D. João que em Lausana declarou que a não tornará conhecida, tanto mais que não escolheu ainda a a carreira de aviões que mais lhe convém para uma viagem tanto quanto possivel directa. Por outro lado, só agora é esperado em Lisboa o sr. D. Ramon Padilla que vem escolher a residência que D. João há-de habitar durante algumas semanas entre nós. O sr. conde de Velayos e sua esposa D. Alice, que no Estoril aguardavam a chegada de D. João, regressaram a Espanha, por se encontrar gravemente enfermo seu pai e sogro, sr. conde de Romanones. Outros aristocratas têm regressado por se ignorar a data da chegada do principe.

Teatros e Cinemas

Ópera lírica

«Rigoletto», no Coliseu

A representação de ontem, com o «Rigoletto», de Verdi, que dispensa todos os adjectivos quanto ao favor de que goza junto do publico, não foi isenta de muitas desigualdades. No entanto, essas desigualdades não tiraram ao conjunto as suficientes condições de agrado geral, que em pormenor distinguiram os dois intérpretes masculinos principais: o barítono Giuseppe Manacchini, no protagonista, e o tenor Mário Filipeschi, no papel do «Duque de Mantua».

A forma como Manacchini articula e pronuncia, o bonito timbre da sua voz e a sinceridade da sua dramatização confirmam uma arte com a qual simpatizamos; mas Manacchini não foi superior a uns deslizes de afinação, (de que porventura não teve a culpa) e, quando o seu trabalho for mais graduado, adquirirá dobrado relevo.

Filipeschi, mais uma vez, concentrou todas as suas possibilidades, entre as quais avultam os agudos, na verdade magníficos, no seu «La donna é mobile», ovacionado e bisado. Deve dizer-se que, em toda a ópera, se houve com nitidez e com aprumo em muitos passos.

Não sabemos que pensar acerca da soprano Attília Archi, a quem incumbia o papel de «Gilda». E' possivel que esteja afectada por um cansaço passageiro e que seja ainda desajudada por um nervosismo justificado, justamente pela falta de confiança em si e num público que a desconhece; e é pena, porque tem um timbre de voz raro, na verdade, e canta com finura, como de resto já tivemos ensejo de avaliar na ópera «Traviata».

Nas segundas partes, o «Sparafucile», de Marco Steffanoni, não nos convenceu completamente. Carlo Platania deu bom relevo vocal ao papel do «Conde de Monterone». No papel, tantas vezes sacrificado, de «Madalena», Edmea Limberti não chegou a dar-nos uma impressão definida.

Os coros têm nesta partitura, julgamos nós, uma das suas intervenções favoritas. Mas, apesar de ser uma ópera tão conhecida, a orquestra é que não pôde corresponder à categoria da direcção de Angelo Questa, tanto mais que a atenção do chefe deve repartir-se constantemente pelos cantores. O ritmo de uma ópera diferente em cada dia—ou quase—não é por certo alheio ao facto. Verificamo-lo, acreditando que se trata duma engrenagem contra a qual a nossa reacção se manifesta em pura perda. E se não fosse?...

Uma menção, ainda, aos cenários do 2.º e do 4.º actos, que são bons; mas o palco fica demasiadamente às escuras. Embora a acção se passe, de facto, à noite e quase sem luz, nem tudo se pode seguir assim tão à risca.

FRANCINE BENOIT

Outros tempos

Ha 48 anos, nas festas centenárias de Vasco da Gama, fez-se na Rotunda uma «Feira Franca», com exposição de produtos e muitos divertimentos, desde a barraca do «pim-pam-pum», até ao teatro popular, com palhaços à porta chamando os espectadores e coristas pintadas de almagre, cabeleiras de estopa e malhas côr de rosa, em evolução na parada, ao som duma desafinada fanfarra.

Na Avenida, ali pela altura da Rua Rosa Araujo, montaram um pequeno circo, onde trabalhavam pulgas amestradas que faziam diversas gracinhas, puxando carros em miniatura e outras habilidades, que o publico aplaudia em delirio. O domesticador era, se não estamos em erro, mr. Kintchingham.

As pulgas habilidosas já eram conhecidas há muitos anos no estrangeiro, segundo Walckemar, autor da «Histoire des insectes aptères».

Conta ele que, em 1825, na praça da Bolsa, em Paris, apareceu um teatrinho-barraca, com 50 pulgas trabalhando em alta escola. Há uns anos, à roda da duzia, no Parque Mayer, num terreno em frente do Maria Vitória, esteve um outro teatro com «Pulgas Comediantes», apresentadas por uma senhora.

Mas, reparando bem, hoje mesmo ainda temos alguns teatros onde as pulgas fazem as suas habilidades.

O que há é uma pequena diferença: em vez de trabalharem no palco, trabalham nas pernas dos espectadores.

EFEMÉRIDES

1851: Nasce em Lisboa o escritor e jornalista Urbano de Castro (Artur Urbano Monteiro de Castro Teles de Eça e Cunha) que escreveu para o teatro a revista «Lisboa por um oculo», em que entrou Antonio Pedro; as comedias «O camarim da actriz» e «Na aldeia», traduzindo, com Gervasio Lobato, as operetas «Rei de Ouros» e «Mam'zelle Nitouche». Foi tambem um grande critico teatral.

Faz amanhã anos: o noticiarista Jaime Graça (Jaime Antonio Graça).

Atrás do reposteiro

A revista «Alto lá com o charuto!», do Variedades, na sua remodelação, vai ser enriquecida com mais três atracções, o tenor Alberto Ribeiro, o violinista José Puertas e a Troupe Perezoff, esta ultima num quadro-dinamico intitulado «Os loucos da cozinha».

—Noticias do Brasil dizem que se encontra doente, no Rio de Janeiro, o maestro-compositor Frederico Valerio.

—O actor Reginaldo Duarte, na revista «Travessa da Espera», em ensaios no Maria Vitória, desempenha os seguintes papeis: o «Pregoeiro», o «Almeida da Camara» (chefe de quadro de rua) e o «Homem das Arabias», em dueto com Teresa Gomes.

—Para a companhia Maria Matos, que vai funcionar no Apolo, foi contratado o actor Silvestre Alegrim.

—Na revista em ensaios no Avenida, a actriz Irene Isidro fará um dueto com Herminia Silva.

—O actor Carlos Alves, que vai dirigir a «tournée» á provincia da empresa Piero, com a revista «Alto lá com o charuto!», começou já a tratar dos trabalhos de organização.

—O tenor Tito Schipa estreia-se na sexta-feira, na ópera «Werther».

RECINTOS DE DIVERSÕES

Com um seleccionado espectáculo de «music-hall» e a colaboração da orquestra «Caravana», reabre sexta-feira, sob a direcção do empresário José Miguel, o Casablanca, no Parque Mayer.

O horário de trabalho

no teatro Nacional

Por despacho do sr. subsecretário de Estado das Corporações, foi resolvido, quanto ao teatro Nacional D. Maria II, que os ensaios se efectuarão entre as 13 e as 16 horas; que o espectáculo de tarde deverá passar a ser das 17 e 30 ás 19 e 30; que o espectáculo da noite não deverá ter inicio antes das 21 e 30; que o trabalho dos artistas e auxiliares que exceder 8 horas diárias será renumerado, nos termos da lei, com o acréscimo de 50 %.

A autorização constante dêste despacho é valida pelo prazo máximo de 12 dias, findos os quais deverá ter a Empresa organizado dois grupos diferentes de artistas e auxiliares, que actuem em cada espectáculo.

Primeiras exibições

«Mulheres e Diamantes», no Tivoli

Sôa o «gong»! Algumas toneladas de carne perfumada, avalanches de sorrisos, floresta de plumas oscilantes, e o espectador, mesmo que entreveja através da história um certo artificialismo, fica satisfeito com este espectáculo de «music-hall» colorido. Só assim, de resto, o devemos apreciar. O material humano feminino irradia «glamour». Há que integrar, na cosmografia, esta nova constelação, de que é Venus, no duplo e estético sentido da palavra, a fascinante Betty Grable. Que pena não haver em Hollywood, um Rodin, enamorado das formas, vão, quando ele as agigantava e torturava a á explosão da materia, mas quando, carinhosamente, com olhos de artista faunesco, as beijava em criações de imaculada pureza! A sumptuosidade agrada mais que a partitura. Algumas notas estridentes e vibrantes, no meio, tornavam-na ainda mais atraente. Complementos escolhidos.—*Visor 42.*

Primeiras exibições no Porto

«Voltando ao passado», no Aguia de Ouro

A psicologia do criminoso e o conflito que se trava permanentemente entre o seu «mundo» e as leis e principios por que as sociedades se regem oferecem farto pasto aos homens da sétima arte que, a seu talante, vão explorando, com mais ou menos eficiencia, êsse manancial inexgotável.

Ultrapassa, porém, o nivel usualmente mediocre dessas produções, quase sempre timbrando pela série, o filme «Voltando ao passado» que o cinema Aguia de Ouro pôs ontem no «écran», e que tem o tenebroso Humphrey Bogart—o actor que num relampago alcançou estrondosa celebridade—a interpretar á sua maneira sóbria e naturalmente vigorosa a figura dum «Bishop»—é este o titulo da pelicula no original—dos G—Men que, após haver cumprido alguns anos de presídio, é traiçoeiramente arrastado para a «entourage» do crime.

«Voltando ao passado», esculpe, em imagens felizes e numa sequência sábiamente aproveitada, uma acção intensa e a que não faltam alguns momentos espectaculosos e de grande emoção.

Complementos interessantes—*Visór tripeiro.*

ÓPERA NO COLISEU

A inspirada ópera «Madame Butterfly» cantada esta noite, com os grandes «divos» Onélia Fuieschi e Mário Filippeschi

ONÉLIA FUIESCHI
a grandeda «diva» da Companhia de Opera

A Grande Companhia de Opera Italiana, que tantas e tão grandes noites de entusiasmo tem proporcionado ao publico de Lisboa, leva hoje á cena, no Coliseu, mais uma das suas grandes realizações artisticas: a inspirada partitura de Puccini, «Madame Butterfly» que será cantada pelos grandes «divos» Onélia Fuieschi e Mário Filippeschi, e o extraordinário baritono Saturno Meletti.

Estamos certo de que o publico apreciador de verdadeiros espectaculos de arte, de maravilhosa projecção internacional no mundo lirico, vai esta noite vibrar, mais uma vez, de entusiasmo, com esta lindissima ópera, uma das mais lindas e mais expressivas do grande maestro italiano, magistralmente interpretada como talvez nunca se ouviu entre nós. Amanhã, «Trovador».

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 30—«Os Maias».
TRINDADE—A's 21 e 45.—«Cinco Judeus Alemães»
AVENIDA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«O Pão de Ló».
COLISEU—A's 21 e 30—«Madame Butterfly».

CINEMAS

S. LUIZ—«Aí vem Nick».
TIVOLI—«Mulheres e Diamantes».
EDEN—«Adorável Engano».
POLITEAMA—«José do Telhado».
GINASIO—«Fantasia Branca».
PALACIO e ODEON—«O Mundo de Amanhã»
CAPITOLIO—«Quatro Raparigas Encantadoras».
OLIMPIA—«O Clipper de Bombaim».
TERRASSE e LYS—«A Ilha do Arco Iris».
REX—«Beatriz Censi».
JARDIM—«A Mascote da Marinha».
PROMOTORA—«Marie Louise».
CAMPOLIDE—«Suprema Decisão».
R. AMADORA—«Beijos Roubados».

ESPECTÁCULOS NO PÔRTO

SA' DA BANDEIRA—«Viva o Porto!».
COLISEU DO PORTO—«Assim Nasceu Uma Era».
S. JOÃO CINE—«Rumo a Toquio».
RIVOLI—Hoje e ámanhã não há cinema.
AGUIA DE OURO—«Voltando ao Passado».
TRINDADE E OLIMPIA—«Marido por Acidente».
JULIO DINIZ—«O Coração não Envelhece».
CARLOS ALBERTO—«Um Barco e Nove Destinos» e «Mulheres e Musica».
ODEON—«Sangue Negro» e «Uma Noite nos Trópicos».

O «Diario de Lisboa» vende-se na Lourinhã no café Nicola, de Francisco Alves & Irmão.

INCÊNDIO NUM PALHEIRO

VOUZELA, 21.—Esta madrugada, na vizinha povoação de Calvos, deste concelho, manifestou-se um violento incendio num palheiro do sr. Vasco de Figueiredo, ardendo este, dois carros e um tonel que ali haviam sido guardados.

O incendio foi lançado por um mendigo que ali pernoitara, sendo os prejuizos consideráveis.

COLISEU DO PORTO TEL. 5196
Última exibição de
Assim Nasceu Uma Era...

S. JOÃO Telef. 2458 — A's 21 e 30 — Rumo a Tóquio com Cary Grant
Aguia d'Ouro — Voltando ao Passado

Rivoli Tel. 2788 — A's 21 e 30 — Em 3.ª semana — Passagem para Marselha

TRINDADE Tel. 4412 — A's 21 e 30 — ESTREIA da engraçadíssima comédia musical
OLIMPIA Tel. 533 — Marido por Acidente

JULIO DINIZ Telefone 9559 — A's 21 e 30 — ÚLTIMA EXIBIÇÃO DE — O Coração não Envelhece

CARLOS ALBERTO Telefone 4540 — A's 21,30 — Um Barco e Nove Destinos — Mulheres e Musica

ODEON Telefone 4850 — A's 21 e 30 — SANGUE NEGRO e Uma Noite nos Trópicos

SÁ DA BANDEIRA
TEL. 2595 — Às 21 e 30
A TRIUNFANTE REVISTA
«VIVA O PORTO!»
com os sensacionais bailarinos
Margot e Chiwerdo

Sente-se às vezes tão velha como se tivesse 100 anos?

Há momentos em que se sente tão acabrunhada como se todos os males que afligem o universo lhe caíssem sôbre os ombros? Irrita-se com as brincadeiras de seus filhos; perde as «estribeiras» por nada? Os seus trabalhos parecem-lhe excessivos?

Em noventa e nove casos em cada cem, trata-se de sintomas de doença. Um espírito deprimido é a conseqüência de um organismo funcionando mal — resultado de más eliminações, que permitem a acumulação de matérias nocivas e veneno no sangue.

A «pequena dose diária» de Kruschen auxilia a pôr fim a êste estado de coisas, pois restaura os órgãos de eliminação, levando-os a trabalhar regular e activamente. Kruschen fornece o auxílio que o fígado, rins e intestinos carecem diàriamente.

Se se sentir velha antes de tempo, experimente uma «cura» de Sais Kruschen. Far-lhe-ão muito bem.

Vende-se em tôdas as farmácias a Esc. 17$00 e 10$50.

KRUSCHEN

CÓDIGOS
Telegráficos ABC e Bentley's
Vendem-se. R. Crucifixo, 76-1.º Tel. 26197

Lustres de cristal e ferro artistico
Genero moderno e antigo
ARTES DECORATIVAS, loja cave e 1.º andar

LA EQUITATIVA
(Fundacion Rosillo)
Sociedade Anónima de Seguros de Vida e Riscos Diversos
Participa que mudou os seus escritórios para a Avenida da Liberdade, 223, passando os telefones a ter os números:
P. B. X. 46332-46335

O trabalho nas minas do carvão

(Continuação da 1.ª pag.)

agua vem nuns barrilitos e as bôcas sequiosas pela transpiração constante, sorvem-na em haustos fundos, alagantes.

Sentados nos recintos mais largos da mina, eles conversam entre grandes silencios, almas que deram tudo e já não têm que exprimir. A vida de um é a vida de todos—na sua igualdade de monotonia. Graves e tristes querem pensar, mas não sabem! Uma hora a menos de trabalho, uma hora a mais, e é tudo!

Os olhos grandes, dilatados pelas sombras, ficam imoveis, ardendo no bico da lampada. Mas naquela mudez há uma solidariedade de instinto, humana e violentamente primaria.

Tratam-se por «manos» e se há um acidente de trabalho, a mina parece sufocar de angustia. Tudo pára, e acodem, socorrem com a rapidez instantanea de um relampago. A noticia chega ao mais lôbrego e distante escaninho, transmitida por uma misteriosa telegrafia de pancadas.

—*Mano* José, tenho sêde!

E o outro dá-lhe o barrilitò, que anda em cima das vagonetas, no meio do carvão, e que mal se distingue dele, negro e gotejante. Aquilo deve saber bem, embora saiba a outra coisa que não a agua.

Depois fumam um cigarrito de onça, muito estricto, cujo tabaco, curtido de suor, mal pica na garganta. Os homens-ratos levantam-se, então, dos bancos toscos de pinho, ainda acabrunhados de preguiça sonolenta do descanso. Os ombros abaulados a custo se retezam e as mãos, da inercia, estão ainda perras, anquilosadas.

Dispersam-se, lentamente, nos tuneis infindaveis; trepam ás grutas, onde vivem oito horas, alumiados apenas pelo candil, ou internam-se, como termitas, nos poços de pesquisa, recomeçando o exaustivo trabalho de sapa.

A cidade mineira vibra, ressoa, numa estranha acustica. Por vezes, a dinamite ribomba, desmoronando pesadas muralhas. Isto é perigoso, mas o capataz vigia, olhos de severa responsabilidade, atentos á brasa vermelha que rabia no rastilho, enquanto os homens se resguardam na caverna próxima ou na saida contrária. E' exactamente num trabalho desses que o engenheiro Neftoli, o cerbéro desta infra-mundo nos apresenta o velho Jeremias. O seu nome é já uma certeza. Tem uma doçura evangelica. Ele empunha a marreta; outro, a broca massiça, abrindo o furo para o enchimento da polvora. Está nu, como todos naquela parte da mina, sem vergonha, naturalmente, porque não há de quê. Um tufo de cabelos brancos e revoltos, pelagem de leão encanecido, eriça-lhe o peito, salpicado de limalha negra. Quando dá a pancada, de baixo para cima, o ar sai-lhe dos pulmões, silvando, como um esguicho de vapor de uma caldeira rôta. Alenta-se e repete o golpe, enquanto o chegador aguenta a vibração da broca, não vá ela resvalar.

Só as lampadas iluminam a cena. Os corpos nus, aureolados pelo reverbero da chama, têm o vermelho dos cobres batidos.

—Então, Jeremias, sempre a trabalhar?

O troglodita hirsuto mostra, finalmente, os dentes pôdres. Os seus olhos azues e piscos verrumam de curiosidade os estranhos visitantes.

E' gente de bem!

—Trabalho sempre, enquanto o sr. engenheiro quiser-

E' filho e pai de mineiros: quarenta e nove anos de extracção, e cinquenta e oito de existencia. Isto diz tudo!

Percorremos agora um dos melhores filões de S. Pedro da Cova, a galeria 88, prospectada recentemente. O carvão é maravilhoso, de uma intensidade tão viva, de um fulgor tão cristalino que certas cavidades refulgem como grutas de diamantes. O minerio negro torna-se fosforescente, noite estrelada de verão. No meio de uma dessas auroras boreais surge um dorso ciclopico, vermelhusco, manejando, vigorosamente, a picareta. Pára, banhado de suor, e, no alto do seu monte de antracite, parece um titan guardando fabulosos e faiscantes tesouros. Os prismas do carvão cintilam como pingentes de cristal, e, como a luz, tremúla, inquieta, todo ele se cobre de lhamas, imperador magnifico de uma Pérsia de pedrarias preciosas.

Então, o engenheiro Neftoli da Fonseca encontra um carvão que fundiu no fogo cosmico, brilhante, luzidio, de uma superficie, inverosimilmente, macia, pulida e aveludada. Devagarinho, tateia-o como se fosse a suave e cálida epiderme de Josefina Baker, mas a sua imagem é outra, sem deixar de ser, animalmente, voluptuosa:

—Apalpe! Parece a coxa de uma egua!

Deixamos o imperador magnifico na sua gruta de diamantes. As paredes escoradas, numa robusta arquitectura protectiva, lembram o interior da carcassa de um mastodonte há milenios descarnada. Ora nos insinuamos quase de rastos, ora caminhamos, *homo erectus*, antropologicamente, recuperados. Mas o calor é atrós. Do corpo em brasa escorre um suor grosso, oleoso que, misturado com a poeirada do carvão, parece o lubrificante de uma maquina.

O engenheiro classifica a temperatura de magnifica. Apenas, um estio mais ardente.

—Se descesse a um poço de pesquisa, então podia queixar-se!

Na galeria, o minerio é tão brilhante que fradavia, é que nem sempre é assim, daquela massa espessa e vitrea que parece alcatrão. Constantemente, encontram-se bancos de rocha que têm de ser brocados para alcançar o bom veio, e daí o exiguo rendimento da mina —apenas mil toneladas, em vinte e quatro horas, quando os centros hulheiros da Inglaterra e do Ruhr, produzem, largamente, onze mil.

Aquele rio de minerio, intermitente, tem de atravessar cêrca de dois quilómetros, no mesmo nivel dos cem metros subterraneos, até ao poço de S. Vicente. Mas aos sitios mais distantes os cavalos não chegam. E' puro trabalho humano, empurrando as cargas de 600 quilos num estridor alucinante de berlinas que rangem, chocam, investem em interminaveis comboios, internando-se num fluxo incessante, pelos infindaveis meandros dos tuneis. Por tudo, o mineiro evita a mais pequena ferida que lhe pode ser trágica, não por infecção local, mas por uma doença, a anquilostomiase, produzida por um verme de dois milimetros que se encontra na antracite, o qual, através do sangue, se vai fixar no duodeno.

O carvão, divindade terrivel, vinga-se assim do seu mortal inimigo. Como um espectro, ergue-se do seu milenario jazigo, disputando-lhe, sombriamente, a entrada do reino maravilhoso.

Naqueles residuos geologicos, onde tudo parecia deserto, inerte, morto, a vida humana encontra ali outra vida que prolifera enigmaticamente.

Outro inimigo tem ainda o mineiro: os roedores que se introduzem pelos poços de saida, descendo da crusta terrestre até a duzentos metros de profundidade. Devem levar meses, se não anos nessa viagem, esgueirando-se por toda a parte, onde exista uma fenda, um interstício, o mais insignificante recanto, e dali famintos e vorazes, como os ratos das trincheiras da outra guerra, partem á conquista do seu pão, atacando as merendas dos operarios. Estes, para se defender, penduram-nas, por um cordel, do tecto das galerias, mas mesmo assim há surprezas. Até ali a luta pela vida oferece o seu espectáculo grotesco e devorante.

Dirigimo-nos agora para a extremidade da mina. Já andamos dois quilómetros e meio, atravessando atmosferas tropicais e desoladas regiões de frio. A respiração dos ventiladores enxarca-nos, por vezes, de jactos gelados de ar —que nos fazem tiritar. O mineiro, porém, não se importa. Uma vez nu, não se torna a vestir enquanto moureja. A pele coriacea, patinada, resiste como um aço invulneravel a todas as oscilações do termometro. Apenas com uns calções, ora chapinhando na agua, ora atascando-se na lama, por vezes, até aos joelhos faz, monotonamente, as suas grandes viagens circulatorias naquele país das sombras.

Lá, no fundo, a mina está em laboração. E' ali a «frente de trabalho» mais avançada. Grossas pilastras, cada vez mais juntas, mais densas no seu cavername de madeira, sustentam a abobada baixa e irregular, donde irradia o fulgor azulado do *vitran*. Trabalha ali um grupo, mas só um homem está metido no novo alveolo. Já lhe deu uma altura rasoavel, onde mexe a picareta á vontade, rasgando a espessura. Uma escora quebrou pelo joelho, e há outra sobre a nossa cabeça que mostra uma radia um extranho palor azulado. O pior, toperigosa inclinação. Nada há que temer, já o sabemos. O engenheiro Neftoli da Fonseca quere roubar aquele portentoso tesouro, um bom bloco de antracite. O operario suspendeu a faina e o enchedor deu passagem ao engenheiro.

Pendurada numa fenda, a luz da lampada, diminui, triste e bruxuleante.

A mão estende-se, avidamente, arrancando o fragmento de minerio, o qual rebrilha, fascina, como se já ardesse num turbilhão de oiro e chamas. O bloco salta, mas a mina estremece, bruscamente, jorrando sobre nós as suas entranhas numa pesada massa de volumes, remoinhantes de poeira. O tecto abate, o muro desmorona-se, tudo parece ruir á nossa volta, com o rumor de um sismo. Saltamos daquela sepultura, onde o carvão nos enterrára até aos joelhos. Só o engenheiro, entre os seus homens, impassivel ao perigo, fica no centro da derrocada. Ao fundo da «travessa» ouvimo-lo, tranquilamente, ordenar a suspensão dos trabalhos:

—Não avancem mais! Escorem primeiro!

A morte, afinal brincou connosco áquela esquina, sem gloria para ela, talvez para nos fazer sentir a sua grandeza irrevogavel Foi, sómente, um arrepio de tédio, um bocejo de fadiga. Não valia a pena. O engenheiro não deu por nada, ou, apenas, fingiu, porque prossegue á testa da expedição até á ultima fronteira da jazida. Custa a chegar lá! Isto, afinal, não terá fim ou será que o mundo dos vivos, do sol, daquele ceu que, mesmo através das grades da cadeia, é benignamente, azul, foi para sempre, banido da nossa existencia?

Eles, os homens-ratos nem isso! Mesmo dormindo, devem sentir um negrume de pesadelo, a noite inquieta deste caos geologico!

—Aqui a mina termina- Falta conquistar o resto!

Ali não ha esteril, o «godio», como dizem os mineiros que é, afinal, a pedra que se estrutura, ora em paredes massiças, ora em estractos, pelo meio do carvão.

Quando os dois estão juntos, há que brocá-los, separando-os depois lá em cima, no terreiro da mina, trabalho dos crivos, da lavagem mecanica—e, sobretudo, das mulheres e dos rapazes.

Bloco a bloco, fragmento a fragmento, quase diriamos, cisco a cisco, todo o minerio lhes passa pelas mãos.

Neftoli da Fonseca vai dar-nos uma derradeira sensação:

—Não quero que saia de S. Pedro da Cova sem minar carvão!

Empunhamos, com orgulho, o alvião de cabo curto e calejado e, simbolicamente, arrancamos meia duzia de pedras de fogo.

A nossos pés, bem diminuta, cai a jorna dos oitocentos mineiros que ali labutam. Há que fazer mais alguma coisa pelo exercito do subsolo. Pouco se tem feito por ele em Portugal. Os homens-ratos talvez não saibam pedir. Lá, no fundo da terra, mal se ouvem, é verdade! Mas são os proprios dirigentes que reconhecem a exiguidade de um salário—média 21 escudos por unidade masculina— com um «bonus» de pão, que anda á roda de trezentos contos, assistencia médica e farmacia, e construindo uma aldeia quando seria necessario uma cidade.

E que cidade, a mais bela, a mais alegre, a mais rutilante, cidade-flor, onde o sol tivesse tantas janelas a sorrir, tantos jardins de crianças a brincar, tantas bôcas a cantar, que o trabalho se converteria num evangelho,—menos penoso, menos triste, menos sombrio, na sua dura penitencia!

Seria um contraste e tambem uma restituição! Não são, apenas, os corpos que é preciso arrancar ao fundo das minas, mas almas, e isso, porventura, importa mais.

Regressámos. O caminho parece-nos agora mais curto. Mal vêmos os abismos que aqui e ali se escancaram, nem as fauces dantescas que se abrem na nossa frente, negras ou vermelhas, na densidade da treva, conforme os fogos-fatuos das lampadas as iluminam.

Vamos mais depressa, insensivelmente, a caminho da terra, lá para cima, para a superficie, onde as estrelas da noite medem o abismo insondavel do planeta.

Sabeis vós, espiritos de luz, que, por baixo disto, há existencias sepultadas?

Que o homem, no seu holocausto ao fogo, como um castigo imerecido dos deuses, tem de se internar nas masmorras da hulha, para acender, como Prometeu, o facho divino da vida?

O que vêdes lá em cima é muito pouco! Pode-se sofrer mais ainda! Morre o heroi, nos campos de batalha, olhando o sol e sabendo onde está o inimigo! Mas estes, não; marcham ás cegas e tombam exanimes, como se a luz, que a todos pertence, na benção de Deus, lhes tivesse sido, criminosamente, negada.

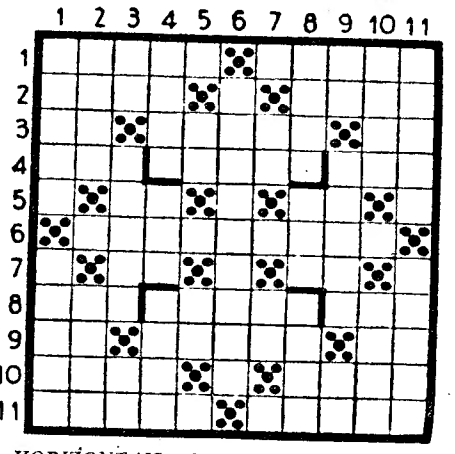
Obrigado, engenheiro Neftoli! Que bem que soube aquele cigarro fumado, na casota do capataz, antes dos ultimos passos da jornada! Recordaste, então, a tua existencia—estudante, mineiro, caçador de esmeraldas negras! Quando, enternecidamente, falaste no teu mestre, o lente Augusto Farinas de Almeida, hoje teu director, eras ainda, afinal, o aluno laureado da primeira bancada que queima as pestanas, no coto da vela, não para atraiçoar o trabalho, mas para o servir, dando-lhe o melhor da tua inteligencia e da tua energia.

Esse cigarro foi delicioso, o cigarro do homem que abre a tampa do caixão, e grita:—*Vivo!*

E nem sequer reparei, nem tu, que, a nosso lado havia um caixote de dinamite. Depois de tudo quanto tinha visto, não era mais que uma mancheia de cinzas!...—A. P.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1208



HORIZONTAIS: 1—Parte posterior do pé. Acções. 2—Que não crê em Deus. Formiga grande com asas. 3—Frequentar. Levantar. Prefixo de negação. 4—Colórido. Juizo (fig.). Polvilhos. 5—Pronome pessoal. Em a. 6—Punia. 7—Oferece. Gemido. 8—Camareiro. Enfeitam. Patrão. 9—Nota de musica. Cuidadoso. Simbolo quimico do érbio. 10—Prendei. Estiagem. 11—Cifras. Ramificação.

VERTICAIS: 1—Grupo de ilhas da Polinésia. Ardiloso. 2—Tenebroso. Tipo de embarcação de recreio. 3—Popa. Que chegou ao meio. Parecença. 4—Transpiram. Costuma. Vagar. 5—Cinquenta e um (rom.). Zomba. 6—Naturais dos Açores (conf. «Ac. Ortog.). 7—Simbolo quimico do aluminio. Artigo (pl.). 8—Querido. Tipo de embarcação antiga. Rio que nasce na França, atravessa a Bélgica e a Holanda e desagua no Mar do Norte. 9—Pronome pessoal. Cidade fortificada da Itália, antiga capital do reino dos Lombardos. Preposição. 10—Rancôr. A cidade santa dos muçulmanos. 11—Juizo. Mar entre a Austrália, a Nova Guiné e a Nova Macedónia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1207

HORIZONTAIS: 1—Perguntar. 2—Soco. Ena. Oral. 3—Ovo. Ota. Ele. 4—Nó. Creta. Ag. 5—Em. Palmela. Mi. 6—Guiné. Nulas. 7—Ai. Ataquei. Ul. 8—Vê. Anuam. Dá. 9—Ala. Sai. Cor. 10—Mote. Asa. Iria. 11—Solheiros.

VERTICAIS: 1—Sonegavam. 2—Povo. Mui. Elos. 3—Eco. Pia. Ato. 4—Ro. Canta. El. 5—Gê. Orléans. Ah. 6—Untem. Quase. 7—Na. Atenuai. Aí. 8—Tó. Aluem. Ir. 9—Are. Ali. Cró. 10—Rola. Mau. Dois. 11—Legislara.

NOVA MODALIDADE
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 193

HORIZONTAIS—1—Marmotas. 2—Mata. Uivara. 3—Arabescos. 4—Rimo. Ao. Má. 5—Rã. Arengam. 6—Enigmas. Rio. 7—Tocais. Pão. 8—Eva. Cofre. 9—Sá. Era. Li. 10—Falsificas. 11—Rala. Sarara.

VERTICAIS—1—Marretas. 2—Mariano. Afã. 3—Atam. Ico. Al. 4—Rabo. Gavela. 5—Amais. 6—Ousaras. Ais. 7—Tições. Fa. 8—Avô. Polir. 9—Sãs. Gráfica. 10—Maior. Ar. 11—Cálamo. Essa.

A selagem das desnatadeiras

e as suas consequências

na falta do leite e da carne

Da Junta Nacional de Produtos Pecuários recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta:

«Sr. director—Na local intitulada «A falta de carne», inserta em 14 do corrente mês, no jornal que v. muito dignamente dirige, afirma-se que «o numero de cabeças de gado diminui assustadoramente ,devido, em parte, à selagem das desnatadeiras».

Como, porém, esta afirmação não corresponde à realidade, tenho a honra de solicitar a v., para elucidação dos leitores dêsse jornal, a gentileza de dar publicação ao seguinte esclarecimento:

Como é do conhecimento geral, entre outros factores climatéricos, a falta de chuvas prejudicou bastante a lavoura nos ultimos anos e diminuiu a produção de forragens, a qual já era insuficiente em tempos mais normais.

Este facto e a dificuldade de obtenção de farinhas e de outros concentrados e o elevado preço que atingiram no mercado todos os produtos destinados à alimentação animal provocaram a diminuição da produção de leite, filiada, como é obvio, na sub-alimentação das vacas e na redução dos seus efectivos.

Nestas circunstancias, o abastecimento de leite, para consumo da população da capital, teve de fazer-se de regiões onde, de hábito, este produto se destinava quase exclusivamente à industria e, assim, passou a utilizar-se o leite produzido nas regiões de Mafra e de Sintra, que até então se dedicavam à fabricação de manteiga em regime caseiro.

Verificando-se, porém, que alguns proprietarios de postos de desnatação daquelas regiões desnatavam parcialmente o leite que enviavam para o consumo publico, praticando assim uma fraude nem sempre fácil de verificar pela fiscalização, teve de recorrer-se à selagem daqueles aparelhos. No entanto, esta medida foi tomada a titulo provisório e apenas enquanto perdurarem as condições que a motivaram, para dar cumprimento ao § 2.º do art. 37.º do decreto-lei n.º 28.974, de 29 de agosto de 1938, que proibe a desnatação de leite nos postos de recepção e a existencia, nesses estabelecimentos, de aparelhos ou recipientes destinados áquele fim, quando o produto se destina ao consumo em natureza.

De resto, contràriamente ao que se poderia depreender da leitura da local desse jornal, a lavoura só beneficiou com a selagem das desnatadeiras, visto que a valorização do leite destinado ao consumo «em natureza» é superior à obtida pela sua transformação em manteiga e pelo natural aproveitamento do leite desnatado resultante na alimentação de animais.

Desta forma, a adopção desta medida deixou de ser prejudicial para, pelo contrario, se transformar num elemento favoravel à economia do casal agricola e contribuir, portanto, para a conservação e até para o aumento dos efectivos bovinos, dentro dos limites que permitem as disponibilidades para a sua alimentação, como se pode verificar através do numero de cabeças de bovinos existentes nos concelhos referidos e respeitantes aos arrolamentos de 1940 e 1942.

Numero de bovinos leiteiros — Mafra 2.273 em 1940 e 2.697 em 1942; Sintra 1.519 em 1940 e 3.215 em 1942.

Com os meus antecipados agradecimentos pela publicação deste esclarecimento, tenho a honra de endereçar-lhe os meus melhores cumprimentos. — A bem da Nação.—Lisboa, 19 de Janeiro de 1946. O vice-presidente, *Seabra de Magalhães*».

ECOS

A gratidão dos povos para com os homens que bem os servem não se encontra em fase ascensional. O que se passou com Churchill não se esquece facilmente. Na hora do seu inigualavel triunfo, o eleitor inglês virou-lhe as costas. Churchill compreendeu que a soberania popular como a soberania das Cesares tem caprichos que a razão não conhece. Fez frente á adversidade, concorreu á luta eleitoral, dizendo:

—«Volto de novo ao principio».

E recomeçou, na Camara dos Comuns, a seu velho papel de oposicionista, na idade dos setenta anos. Se tinha salvado a Inglaterra do maior inimigo que a perseguira, importavam-lhe agora duas cousas essenciais;—1.º pelejar livremente, como deputado, a-fim de que a vitoria não se enfraquecesse em mãos inexperientes;—2.º honrar o seu próprio nome assumindo as responsabilidades que lhe coubessem, falando como orador que não deve nem teme.

Mas Churchill não é exemplar unico, porque, com o general De Gaulle, deu-se cousa digna de fixar a nossa atenção. O salvador da França, nos campos de batalha e nos mares encapelados da politica, demitiu-se, por entender que, não podendo acalmar as paixões embravecidas que dividiam o governo da sua presidencia—reflexo do furor que agitava os partidos e as facções—a sua obra ficava embaraçada, irrealizada.

A carta que dirigiu ao presidente da Assembleia Constituinte é um documento em que se espelha nobreza e grandeza. Sem entremostrar sombra de ressentimento, antes desviando-se para que outrem, com mais sorte, lhe suceda, depõe o seu mandato nas mãos do presidente da Assembleia e vai-se embora para repouso bem merecido.

No fervor das ambições e das impaciencias, De Gaulle não escreve uma palavra sequer que denuncie irritação ou amargura contra a ingratidão que o surpreende.

Acaso não suportou ele corajosamente estoicamente, as mais duras provações, enquanto preparava a libertação da patria, restaurando-lhe a unidade e a consciência, a-fim de reconquistar o seu antigo orgulho?

■

A comissão de amigos intimos de Mestre Malhoa, a que preside o sr. dr. João Pereira Dias, promoveu em Coimbra, em colaboração com «O Primeiro de Janeiro», uma Exposição de trabalhos do insigne e saudoso Mestre, que ontem foi inaugurada, obtendo grande exito.

Esperamos que esta bela iniciativa marque um exemplo, de modo que as «retrospectivas» dos artistas que o mereçam sejam apresentadas ao publico de Coimbra que, sem exagero, é um dos mais aptos para compreender e admirar.

Abriu no Porto, com selectissima concorrencia, a Exposição do pintor João Reis que, por informações que recebemos, se revestiu de muito brilho. Certamente, dado o exito dos anos anteriores, deve ser confirmadora dos louvores que a critica lhe tem dedicado. Filho de Carlos Reis, honra a memoria de seu pai no retrato, na paisagem, nas cenas maritimas e campestres em que revela os primores de sua arte e da sua sensibilidade.

Há aproximadamente dois anos, foi lançado sobre o açucar para «usos industriais» um imposto de 6$80 por quilograma. Alegava-se que era destinado a cobrir prejuizos causados pelo «mosto», fretes de guerra ou quaesquer outros encargos que as autoridades competentes devidamnete consideraram.

Não seria possivel acabar com esta «carga» ou pelo menos diminui-la, de modo que se facilite a vida a tanta gente que trabalha, com bastantes dificuldades, para honrar o seu nome?

A guerra já acabou e para que a sua lembrança não se prolongue como um pesadelo, talvez não seja mau ir apagando os vestigios da sua passagem pelo mundo trabalhador e sofredor.

E' PONTUAL NA SUA VIDA ?
Não hesite em comprar o seu relógio na OURIVESARIA PORTUGAL
Todos com garantia
Rossio, 122 (Esq. R. Betesga)

A decisão americana de manter fôrças navais em águas europeias

PARIS, 22—O jornal americano «Paris Post», numa noticia datada de Londres, diz: «Sai fora da rotina da marinha americana comunicar à Imprensa a sua decisão de manter navios de guerra americanos mais ou menos permanentemente nas águas europeias e de manter estabelecimentos em terra na Inglaterra e no Continente. A decisão parece alterar a função tradicional da Esquadra britanica de guarda da paz no Atlantico Ocidental e Mediterraneo». O almirante Kent Hewitt, que está encarregado de todas as forças navais americanas na Europa e no Mediterraneo, revelou que fôra decidido que a 12.ª Esquadra americana continue a manter o Q. G. em Londres, mesmo terminada a guerra, acrescenta o jornal.

A Imprensa de Paris, citando a americana, diz que a Esquadra dos Estados Unidos decidiu estabelecer edificios em terra na Irlanda do Norte e no Devonshire, assim como no Havre, em Bremenhaven, Napoles e Fort Lyautey. O objectivo, diz o jornal «Paris Press», é apoiar a ocupação das forças americanas na Europa e a politica externa dos Estados Unidos».

Os circulos oficiais franceses de Paris declararam ontem á noite que não havia qualquer pedido americano para bases de operações em Fort Lyautey, feito ao Governo francês, nem quaisquer negociações sobre o caso de tinham realizado.

A rádio de Paris disse ontem á noite que o porto do Havre voltaria à fiscalização francesa em 11 de Julho.—(Reuter).

EM 3 LINHAS

Do «Diario de Noticias» de hoje sobre imposto complementar: «Um desnivel permanente entre o que se cobra e aquilo de que se necessita significa que se está pedindo á Nação uma contribuição excessiva».

///

Há um ano atrás os 311 sindicatos nacionais existentes, dos quais 251 de cotização obrigatoria, tinham 431.431 socios e 563.159 profissionais inscritos.

///

A mensagem dos madeirenses de agradecimento pela obra do sr. Presidente do Conselho convida o sr. dr. Oliveira Salazar a visitar aquela ilha.

///

Mais uma vez fram prorrogados, e até 37 de Março, os prazos para liquidação do banco Porto Covo, de Lisboa, e casa Figueira da Silva, do Funchal.

///

Foram hoje publicados os decretos que transfere da Santa Sé para Madrid, o embaixador dr. Carneiro Pacheco, e o que promove a embaixador o cosde de Tovar, colocando-o na Santa Sé.

///

Faz hoje 16 anos que na Sé foi, pelo presidente do Cabido, o dr. Anaquim, lida a bula pontifical da nomeação de D. Manuel Cerejeira para patriarca de Lisboa, que se encontrava em Roma e tomou posse por procuração, só entrando na Sé a 2 de Fevereiro.

///

O dia de S. Vicente, que hoje se celebra, foi nos séculos velhos de grande solenidade e relevo publico na diocese de Lisboa. Já com o patriarcado, a tradição foi-se diluindo.

///

Nalgumas regiões do país tem sido muito produtiva a colheita do azeite. De uma maneira geral a safra deve ser muito melhor que no ano passado.

///

O dr. Raul Saturio Pires foi nomeado secretario do ministro das Colonias.

O frio e a neve

PORTO, 22—O dia apresentou-se hoje com o céu nublado e mais frio que o de ontem, registando o Observatório da Serra do Pilar as seguintes temperaturas negativas: no ar 0,4; na relva, 0,2.

Em vários pontos do Norte, sobretudo na região trasmontana, o frio tem sido intensissimo. Nevou em algumas localidades, encontrando-se ainda nevados os cumes das serras.

No Marão, segundo informações hoje colhidas, há ainda abundante neve nos pontos altos.

A' Pousada de São Gonçalo—que reabriu ontem, com instalações de aquecimento novas e confortáveis—chegaram alguns turistas, com o fim de contemplar o espectáculo maravilhoso que a serra oferece.

Missão cultural espanhola

Chegaram no «rápido» a esta cidade os catedráticos espanhois srs. dr. Enrique Salamanca e dr. Valentin Matilla, director do Insittuto Espanhol de Medicina Tropical. Os referidos professores—que fazem parte da missão cultural espanhola—realizam amanhã, respectivamente, ás 11 e 30 e ás 18, interessantes conferências.

Musica no Rivoli

Hoje e amanhã, ás 21 e 30, realizam-se, no teatro Rivoli, dois concertos pelo grupo feminino «Ars Rediviva», sob a égide do Circulo de Cultura Musical do Porto.

Conferência

Promovida pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social, realiza amanhã, ás 21 e 30, no Club Fenianos, uma conferência, intitulada «Relações da sanidade com a assistência social», o sr. dr. Duarte Gorjão Henriques, director do Centro de Assistência Social do concelho de Leiria.

A pouca sorte do F. C. Porto

A pouca sorte do Futebol Club do Porto no Campeonato Naconal continua... Agora, no jogo em Elvas ,mais um acidente se verificou, de que saiu temporàriamente inutilizado para a bola Correia Das, o avançado-centro do grupo nortenho, que fracturou um pé num choque com um adversário, pelo que não poderá alinhar nos próximos desafios.

Os traficantes do «mercado negro»

Foi enviado ao tribunal o processo em que são réus Manuel Vitorino Leitão, proprietário e negociante, Fernando Narciso, Jose Joaquim de Carvalho e Luiz Anastácio Cordeiro, todos comerciantes da freguesia de Olho Marinho (Leiria) que, ha dias, conforme noticiámos, foram presos, quando conduziam, numa camioneta, 3.100 litros de azeite sem guia de transito. O primeiro prestou fiança de 30 contos, e os outros recolheram á cadeia, por não se terem afiançado.

Importante julgamento

Está marcado para hoje, no primeiro Juizo Criminal, o julgamento de Avelino António de Paiva, empregado comercial, da rua de Sá da Bandeira, que há tempos praticou, nesta cidade, um importante abuso de confiança, de que foi vitima a sr.ª D. Albina Moreira da Silva.

«O padre no teatro»

Hoje, ás 18 horas, o sr. dr. Maurice Vuillemur fará, no Instituto Francês, uma conferência sob o tema «Le prêtre au théatre».

Notícias do hospital

Foi socorrida, no Hospital da Misericórdia, Maria Adelaide Rosa dos Santos, de 22 anos, serviçal na Rua das Fontainhas, 42, que apresentava várias queimaduras pelo corpo, produzidas por água a ferver.

—Deu entrada no hospital, com graves contusões nas costas e possivel fractura duma omoplata, Belchior Gomes, de 42 anos, casado, operário residente na Rua da Ramada Alta, que foi atingido por um fardo de algodão.

—Recolheu sem fala á sala de observações do hospital o comerciante sr. Alberto da Silva Passos, de 52 anos, casado, do largo das Fontainhas, que no seu estabelecimento foi acometido de doença subita.

Queixas á polícia

Queixaram-se á Policia: Ana de Jesus, da Rua de Pedro Ivo, 58, contra Maria Amelia de Vasconcelos, da Rua Formosa, 198, dizendo que, tendo-a encarregado, há cerca de 3 anos, de empenhar diversos objectos de oiro, no valor de 2.500 escudos, que recentemente foram levantados, suspeita de que foi ela que os levantou; Albino Dias Pereira, de Vilar do Paraiso, contra um individuo de quem suspeita que seja o autor do furto de ouro, no valor de 4.000 escudos, cuja falta ha tempos se vem a registar na sua oficina; e Joaquim Teixeira da Silva, proprietário da Pensão Rio de Janeiro, de que uma sobrinha menor, que ali trabalhava, fugiu de casa, estando em Lisboa, na Praça do Ultramar, 42.

O PORT

Porque se n

na cidad

mais ca

PORTO, 11—O assunto está posto mas pode muito bem, pela sua permanente oportunidade, voltar a repetir-se: não está resolvido o problema da habitação, principalmente o das classes pobres, muito embora o Estado se tenha empenhado na construção de numerosos bairros, concedendo aos seus moradores vantagens apreciáveis.

E porque não se resolve de vez esse tão importante problema, mórmente no Norte, onde há abundancia de pedra, ardósia, madeira e terrenos próprios para neles serem edificados bairros ou casas-blocos? Esta é a pergunta que toda a gente faz, e nós também, certos de que bastaria, para tal, uma deliberação tomada a sério, como as que tomava o malogrado ministro Duarte Pacheco, nome que saudosamente recordamos, não pelo que ele fez exclusivamente em abono do Porto, mas pelo que fez em beneficio duma grande parte do país.

O problema habitacional do Porto, foi, na verdade, parcialmente resolvido com a construção dos bairros de casas economicas do Ameal, Paranhos, Costa Cabral, Contumil, S. Roque da Lameira, Azenha, Condominha e Lordelo, mas esta solução não foi de facto aquela que seria para desejar, a quem pretendia viver de facto economica- que moram nesses bairros deixaram casa. E' assim que algumas das pessoas que moram neses bairos deixaram casas onde pagavam alugueres bastante caros, porque, em boa verdade, também tinham certos confortos, aos quais não pode aspirar uma familia da classe media. Não é esse o maior numero das pessoas que tiveram a sorte de obter essas casas e, a prová-lo, está o facto de algumas delas terem pedido a devida autorização para construir a sua garagem no terreno destinado ao quintal. Ora, quem tem automovel nem sempre será portador dos mais justos titulos para ocupar uma casa que o Governo construiu com a legenda de «Economica». Do que mais carecemos no Porto é de casas cujos preços de aluguer sejam proporcionais ás jornais das classes mais humildes. Ainda há no Porto muitos milhares de pessoas mal instaladas, péssimamente instaladas, pessoas que quási não têm casa.

São precisas casas, muitas casas mesmo, para acabar de vez esse tenebroso espectáculo, dos bairros da Sé, da Ribeira, de Miragaia, da Corticeira, das Eirinhas, e das Fontainhas, junto á linha ferrea, que é o espectáculo mais vergonhoso que o Porto pode oferecer ao viajante que chega aqui, mesmo antes de ele se apear na estação de S. Bento.

De que valem os «arranha-ceus», os palacios, os grandes edificios das nossas praças, avenidas e ruas centrais, se nós temos lugares na cidade por onde se não pode passar sem que um cheiro pestilento nos entre pelas narinas e nele fique por algumas horas?

Impõe-se, de verdade, uma obra radical, de limpeza, de asseio, de estética e especialmente humana. São realmente de apreciar as grandes iniciativas dos nossos capitalistas, construindo edifícios que ficariam bem em qualquer grande capital europeia ou americana, mas, em contrapartida, só merece severas recriminações e ás-

SEGUROS "A
AGENTES POR

PELO TELEFONE

ão constroem

e do Porto

sas económicas?

peras censuras que, nos nossos dias, ainda se consinta que seres humanos vivam—se é que isso se pode chamar viver—a poucas dezenas de metros dessas maravilhas de arquitectura, em autenticas pocilgas que qualquer junta de saude pouco exigente reprovaria para albergar suinos.

Há nesta cidade e em pontos relativamente bem situados numerosos terrenos que nada produzem, nem podem produzir, e que muito valeriam para neles se construirem aglomerados de casas modernas e higienicas, para serem de facto economicas e nelas morarem os que delas mais precisarem—os pobres, os que vivem por aí empilhados em verdadeiras colmeias sem ar, sem luz e sem as mais ínfimas condições de higiene. Não defendemos a construção de bairros, como os que se fizeram em zonas afastadas do centro, casas que vão de 70 a 280$00 mensais e em que, só para carros, uma familia de três pessoas com trabalho na Baixa gasta, por mês, 432$00! Lá se vai a economia!...

Haverá o direito de existirem terrenos, quási no centro da cidade, maiores que algumas quintas de recreio? São o próprio Estado e a Camara proprietários de grandes edificios, tais como a Escola de Belas Artes e a Quinta das Oliveiras (Serviços das Aguas e Saneamento), em cujos amplos jardins e terrenos se poderiam construir numerosissimas habitações para as classes pobres, não falando já numa enorme quinta, que existe na Rua António Carneiro (antiga de Barros Lima), quinta conhecida pelo nome do seu antigo proprietário «Arnaldo Faria», e outros grandes terrenos existentes por essas ruas fora, e que muito legitimamente o Estado poderia adquirir para tal fim. Não há necessidade alguma de se levarem as chamadas «Casas Economicas» para os confins da cidade, quando o problema pode ter melhor solução.

Sabemos que estão, planeadas mais casas.

Porque se não constroem?

Mas, bem entendido, casas para pessoas das que não têm automovel...

O Banco Nacional Hungaro

foi ocupado pelos russos

BUDAPESTE, 22—Três membros da comissão russa, actuando sob a autoridade do marechal Klementi Voroshilov, comandante-chefe russo na Hungria, tomaram hoje conta do Banco Nacional Hungaro. Foi suspenso o pagamento de cheques e a impressão de notas no valor de 100.000 pengoes. Ignora-se se a medida tem o objectivo de deter a inflacção. Produziu-se pânico no mercado negro da moeda e o dólare americano baixou de 650.000 pengoes para 600.000. As transacções em moeda estrangeira estão virtualmente suspensas.—(R.).

Brigadeiro João Tamagnini

Por ter atingido o limite de idade, passou á reserva o brigadeiro de engenharia sr. major Tamagnini de Sousa Barbosa, que já fez a sua apresentação no Ministerio da Guerra.

MUNDIAL"
TODO O PAIS

As eleições

na Checo-Eslováquia

devem realizar-se

em Março ou Abril

— anuncia Bénès

PRAGA, 22—(De Guy Bettany, correspondente da Reuter)—Segundo declara o dr. Edward Bénés, presidente da Republica da Checo-Eslováquia, as próximas eleições gerais no país serão as mais livres e as mais democráticas que ali se têm realizado. Passando em revista os progressos conseguidos desde a libertação da Republica, em Maio ultimo, o dr. Bénés declarou em entrevista exclusiva ao correspondente da Reuter o seguinte:

—Dentro de poucos meses, vamos ter as nossas eleições. Deve recordar-se que há sete messe se dizia no estrangeiro que o exército russo nunca deixaria a Checo-Eslovaquia. Afirmei que essas pessoas estavam em erro e verifica-se agora que voltamos a ser do nosso próprio país. Eu faço todos os esforços para que as eleições gerais se realizem em Março ou Abril e estou convencido de que devem decorrer na maior tranquilidade e não serão caracterizadas por excessivas polémicas partidárias. A votação será por escrutinio secreto e sufrágio directo universal. Teremos representação proporcional dos vários circulos, que serão reduzidos para que os eleitores conheçam a pessoa por quem vão votar. Posso declarar que não há sombra de verdade no boato de que será apresentada uma lista unica por todos os partidos politicos da Checo-Eslovaquia. Os comunistas concordaram naturalmente em trabalhar dentro do plano de um Estado democrático. Cada um dos partidos apresentará a sua própria lista de candidatos aos eleitores e todos eles, incluindo os comunistas, concordaram em aceitar os resultados da consulta ás urnas. Todos os partidos conhecem o meu programa e concordam com ele. Nunca firmarei com a minha assinatura qualquer medida que não seja democrática.

Ocupando-se da questão da minoria alemã, o presidente Bénés declarou:

—Prefiro empregar o termo «transferência» do que «expulsão», porque esta palavra pode implicar a ideia da força, quando eu desejo que a transferência seja realizada duma forma humana e civilizada. Admito que ao principio muitos alemães foram afastados do país, em condições duras. Isto não voltará a acontecer.

Prosseguindo, o dr. Bénès disse:

—Aguardamos a chegada de um general americano a Praga para completar os acordos para a recepção dos alemães na zona americana. Espero que seja possivel em breve a transferência dos alemães, tanto para a zona americana como para a zona russa e que a saída dos alemães estará concluida ainda este ano. Penso que não há mais de 300.000 almães a transferir.

Passando para outro assunto, Bénès declarou:

—Já avisei a nação de que não pode esperar o regresso à sua anterior prosperidade económica antes de alguns anos. Pretendemos criar um estado nacional de checos e eslovacos e com a transferencia dos alemães e hungaros para os respectivos países de origem temos de pagar por alto preco a nossa prosperidade material. Os alemães e hungaros que continuarem no país serão voluntáriamente assimilados.—(Reuter).

Bonitas Palavras
Não Engordam Ninguem

Usar JOIAS falsas não embelezam e são sempre um valor perdido.
Compre verdadeiras na
Grande Ourivesaria da Moda
257, Rua da Prata, (Esq de Santa Justa)

O aumento

do preço

da carne

Hoje houve carne, com certa regularidade, em todos os talhos, com os preços aumentados. Para o lavrador o aumento foi de 40$00 em arrouba, pois passou de 185$00 para 225$00. Para o publico a carne limpa teve um aumento de 3$20 e a carne com osso de 1$60 cada quilo. A partir de hoje, a distribuição pelos talhos é sujeita a uma nova modalidade: os talhos passam a receber a carne em dias alternados.

Um proprietário de talho com quem falámos disse-nos que a unica forma de acabar com o «mercado negro» era a carne ser abatida toda no Matadouro Municipal, como, aliás, sempre se fazia, quer a destinada ao consumo do publico quer a destinada a entidades particulares, tanto mais que o Matadouro Municipal está a ser lesado com o facto de vários estabelecimentos oficiais abaterem carne nas suas sedes.

Rezes abatidas para ámanhã

Foram hoje abatidas no Matadouro Municipal de Lisboa, para consumo publico, de amanhã, 109 bois, sendo 9 para os hospitais e 1 para entidades oficiais; vitelas, 7; carneiros, 1.444; cavalos 10 e suinos 92, sendo um para a Policia de Santa Marta e os restantes para distribuir pelos talhos e salsichárias.

Quatro condenações por géneros avariados

No Tribunal Colectivo dos Géneros Alimentícios foram condenados Avelino Ferreira de Sousa, da Maia, na multa de 6.550$00, por mandar vender leite adicionado de água; João Ferreira Duarte, de Torres Vedras, por ter na padaria farinha em rama e peneiros, que podiam servir para falsificar as massas de pão, em 825$00 de multa 8 dias de prisão correccional; Carlos Nunes Borges, de Santarém, por ter um operário a trabalhar em massas para pão, sem fato branco, em 425$00 de multa; e «Poirense Limitada», de Coimbra, em 6.750$00 de multa por ter armazenado para venda cevada em grão imprópria para consumo, parasitada por gorgulho.

Vouzela sem abastecimentos

VOUZELA, 18.—E' grande a falta de azeite neste concelho, pois há cerca de três meses que não se procede à sua distribuição. Também nas padarias falta a farinha de milho e trigo e, nas mercearias, falta também esta ultima, para gastos de cozinha. Por outro lado, o petróleo há também três meses que não aparece por aqui, o que, nestes tempos de inverno rigoroso, causa transtornos, fácilmente compreensiveis. Por tudo quanto fica exposto, se pedem urgentes providências.

O porto de Marselha

vai ser de novo entregue ás autoridades francesas

LONDRES, 22—Todas as docas e instalações do porto de Marselha serão de novo entregues ás autoridades francesas pela administração militar americana, a partir de 11 de Fevereiro, disse ontem á noite a rádio de Paris.

A rádio de Paris disse igualmente que o porto do Havre regressará também á fiscalização francesa a partir de 11 de Julho próximo.—(Reuter).

Repatriação de japoneses

residentes em Portugal e Espanha

MADRID, 22—Cerca de 60 japoneses internados em Espanha partirão amanhã para o Extremo Oriente no navio espanhol «Plus Ultra».

Ontem partiram de Madrid para Barcelona, de comboio, cerca de 40 residentes japoneses em Portugal.

O «Plus Ultra» recolherá provavelmente também residentes japoneses em Itália e depois demandará as Filipinas de onde trará para a pátria alguns espanhois.—(R.).

O FRIO ENTRA PELAS FRINCHAS!
calafetagem de janelas, portas e marquises
RUA da CONCEIÇÃO, 11 · TEL. 26110

Dr. A. da Costa Quinta
RETOMOU A CLINICA

O sucessor de De Gaulle

E' dificil dizer se, neste momento, os socialistas franceses, de cuja atitude depende, fundamentalmente, a solução da crise francesa, mantêm a sua fórmula das primeiras semanas de Novembro. Léon Blum preconizava então, no «Populaire», a necessidade de estabelecer préviamente um programa de acção comum, antes de se designar a individualidade que devia presidir o primeiro Governo Constitucional da França a organizar depois da derrota. A táctica socialista tinha, há dois meses e meio, um objectivo concreto: levar o general De Gaulle a aceitar as inovações introduzidas no manifesto do movimento de resistência que constituira a plataforma de acção, em torno da qual se estabelecera a solidariedade da nação para a luta contra o invasor.

Nesse equívoco inicial está uma das razões que explicam o gesto dramático do chefe do Governo ao fim de algumas semanas duma experiencia que se revelou inviavel.

A unanimidade que, na sessão da Assembleia de 13 de Novembro, conduziu á indicação do seu nome e á aceitação das suas condições, era sobretudo uma homenagem prestada aos altos serviços do chefe militar que soubera interpretar, nas horas supremas de duvida e provação, todos os anseios da alma francesa. Desses serviços, o mais relevante era, sem duvida, a unidade magnifica com que a alma da França pôde enfrentar orgulhosamente o assalto do espirito totalitário e do germanismo corruptor.

Mais do que a sua espada, foi a palavra de De Gaulle que realizou, no nosso tempo, o milagre que Barrés evocara, no seu estilo incomparável, ao escrever nas «Diversas familias espirituais da França»: «Vimos alinhar, em nome da salvação nacional, todas as forças morais que, partindo das mais diversas origens, uma religião, uma filosofia, uma educação, se revelaram excelentes para alimentar as almas, formando a legião que, feita sobre as nossas próprias contradições, se mostrou, em face dos alemães, unida e irradiante da mais nobre beleza espiritual».

O general, cujo fervor patriótico e cuja intransigência irredutivel na defesa do interesse nacional nunca excluiram um sentido exacto das realidades e um apurado instinto oportunista, conheaia de sobra as tentações de poder pessoal para consentir que o espirito de aventura contaminasse a obra magnifica de resgate de que foi, simultaneamente, símbolo e intérprete. Conhecendo, como poucos, o povo que, desde a primeira hora, lhe dera a sanção incondicional dos seus sentimentos mais profundos, sabia que a França aclamava nele o chefe politico e militar que, na hora do perigo, a exortava, colocou-se sob a sua bandeira para a realização duma tarefa de salvação comum e considerava obscuro exigir dela a obediência resignada a um poder racional que se fundamentasse exclusivamente no calor da sua palavra ou no prestigio do seu nome.

Eleita a Assembleia Constituinte, procurou estabelecer com ela, no quadro das atribuições soberanas que o sufrágio lhe conferira, uma colaboração util e confiante. As dificuldades dessa colaboração eram, há algumas semanas, evidentes. Mas as que anteriormente se haviam suscitado puderam ser removidas sem quebra de prestigio para o chefe do Governo e sem quebra de principios para os partidos que tinham acedido e colaboraram com ele. Agravadas embora, a surpresa com que foi acolhida a notícia da demissão de De Gaulle indica que poucos, certamente, as consideraram insanáveis.

Essas semanas coincidiram, porém, com um agravamento crescente da situação internacional e é essa circunstancia que torna dificil a escolha da personalidade que deve suceder ao general De Gaulle. Não se trata agora, como em Novembro, de estabelecer precisamente, segundo a fórmula dos socialistas, um programa, estando antecipadamente designada a personalidade que o deve executar. Trata-se de encontrar a personalidade que disponha do prestigio indispensável para executar o programa capaz de reconduzir a França á tradição da sua grandeza e á senda da sua missão.

Ordem dos Advogados

Conselho Distrital de Lisboa

EDITAL

ANTONIO DE SOUSA MADEIRA PINTO, Presidente do Conselho Distrital, de Lisboa, da Ordem dos Advogados:

Faço saber, nos termos da segunda parte do § 6.º do art.º 592.º do Estatuto Judiciário, que o Conselho Superior desta Ordem, por acordão de 23 de Novembro de 1945 proferido no processo disciplinar em que foi recorrente José Pedro Colaço, advogado inscrito pela comarca de Sintra, e recorridos Victorino Pacheco & C.ª, Ld.ª e outro, aplicou ao referido advogado a pena de suspensão agravada por um ano.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1946.

O Presidente

António de Sousa Madeira Pinto

Uma Agua de Colónia «TINOCO», se é um sonho pelo seu perfume. é uma realidade na materia, porque existe à venda nas melhores casas de Lisboa e Porto.

Um creme «TINOCO» é uma verdade que V. Ex.ª, Minha Senhora, será a primeira a recomendar às suas amigas.

Depositários em Lisboa

Trav. da Queimada, 28

DINHEIRO

EMPRESTA-SE sobre ouro, pratas, joias, mercadorias, mobilias, antiguidades, máquinas, roupas e tudo mais que ofereça garantia.

TRANSACÇÕES RAPIDAS, SIGILO

Sociedade de Crédito Auxiliar

(Casa fundada em 1884). Telef. 22543

Rua dos Douradores, 100, S/loja

(esquina da Rua da Vitória)

Arrematação

No próximo dia 23 do corrente, pelas 15 horas, no Tribunal das Execuções Fiscais, na Rua da Emenda, 46 vai á praça por 2.516$80, uma propriedade denominada «O Cerrado Grande» situado na Freguesia de Alcabideche, Cascais.

ROBERTO

Rua da Palma, 32 e 34

é a casa que vende mais barato

Joias, pratas, ouro e relogios

Farinha «33»

Alimento completo de 1.ª categoria (açucarado). Unica no seu género. 10 anos de sucesso sempre crescente

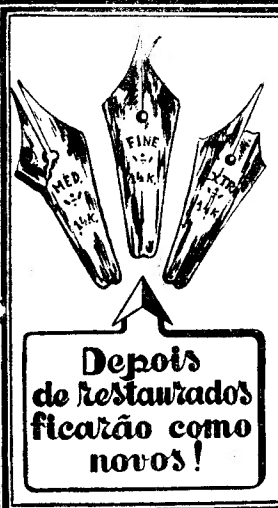
VENDE-SE EM TODA A PARTE

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO, L.da

FICHEIROS E ARQUIVOS **SEEL** MOBILIARIO EM AÇO

CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

P. DOS RESTAURADORES, 53, 1.º — TELEFONE 2 4986



Se o aparo da sua caneta quebrou... ou lhe saltaram as pontas

A nossa nova secção técnica faz a sua completa restauração, ficando como novos e com uma duração de longos e largos anos, devido a ser a nossa casa a unica que emprega pontos de verdadeiro «OSMIRIDIUM», que é o melhor e mais resistente metal que existe o Mundo e que veio de Inglaterra exclusivamente para nós

PAPELARIA DA MODA

167 - RUA DO OURO - 173 - LISBOA

UM BOM TAPETE E' UM CAPITAL QUE DURA TODA A VIDA

COMPRE UM BOM TAPETE NA

Manufactura de Tapetes de Lisboa

LARGO DA MISERICORDIA, 18/19

Mercado de Pe'es e Malas

286 — Rua dos Fanqueiros — 286

Colossal sortido de casacos, capas, golas, boleros, martas e estolas

Aos mais baixos preços

Confronte e acreditará

Transformações e confecções primorosas

C. M. L.

Venda de terrenos

Em 18/2, ás 11, nos Paços do Concelho, vendem-se, em hasta publica, 7 lotes de terreno sitos nas Avenidas Visconde Valmor, Defensores de Chaves e Elias Garcia e Rua Eiffel.

As condições serão publicadas no «Diario Municipal», estando patentes com as plantas topográficas, no atrio dos Paços do Concelho e na 2.ª Rep. da D. S. F. (R. S. Julião, 190, 4.º), todos os dias uteis, das 11 às 17 h.

Lisboa, 21/1/1946.

O Presidente, a) **A. Salvação Barreto.**

Companhia Colonial de Navegação

PAQUETE

«Serpa Pinto»

para:

Rio de Janeiro e Santos

Sairá em 9 de Fevereiro para Leixões, escalando Lisboa em 15, exclusivamente para receber os srs. Passageiros.

O embarque efectua-se na Gare Maritima em Alcantara.

A carga de liquidos é recebida até ao dia 7.

LISBOA — R. do Instituto Virgilio Machado, 14

Telef. 2 0051

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9

Telef. 2348

RESTAURANTE SALOIO

O CARLOS

FREIXIAL—BUCELAS — Futura aldeia de São Carlos. Regionalismo tipico. Bolos e doces regionais. **Almoços e jantares.** Esmerado serviço de mesa.

25$00, tudo incluido

Aberto todo o ano. Excursões, preço 25$00 por pessoa. Sopa, 2 pratos, pão, vinho e fruta á descrição. Ver o livro de ouro da casa, que tem sido visitada por centenas de grupos excursionistas, com os maiores elogios á nossa organização. Trata-se em Lisboa, na **Calçada Nova do Colegio, 4, r/c. (frente ao Socorro).**

T. S. F.

Reparações em tôdas as marcas

Est. VALENTIM DE CARVALHO

Rua Nova do Almada, 97

"55" o Batôn da Moda é uma tentação

+

António Alves de Carvalho

Chefe de Divisão do Banco de Portugal

MISSA DO 30.º DIA

Sua viuva, irmãos e mais familia participam que se realiza amanhã 23, pelas 11 horas, na Igreja da Conceição Nova, missa de sufragio por sua alma, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Participam igualmente que não foram feitos convites para o seu funeral por expressa determinação do finado.

DE LUTO

D. Margarida Pinto de Souza Coutinho (Balsemão)

Falceeu no passado dia 17, na sua residência, Rua Castilho, 75, a sr.ª D. Margarida Pinto de Souza Coutinho (Balsemão), filha dos viscondes de Balsemão, casada com o sr. dr. Joaquim Fernandes de Brito Camello de Gouveia, mãe das sr.as D. Maria Henriqueta P. de Souza Coutinho de Gouveia Bramão, D. Maria Tereza P. de Souza Coutinho Gouveia da Camara d Saldanha e do sr. engenheiro Manuel P. de Souza Coutinho de Gouveia; sogra do sr. engenheiro D. Segismundo do Carmo da Camara de Saldanha e irmã da sr.ª D. Maria da Penha Pinto de Souza Coutinho (Balsemão).

A falecida, que era aparentada com as mais nobres familias portuguesas, deixa a mais profunda saudade.

Sua familia manda celebrar missa, por sua Alma, amanhã, dia 23, pelas 12 horas, na igreja dos Martires.

Os serviços funebres estiveram a cargo da Agência Magno.

João Baptista Loureiro

COIMBRA, 22—(Pelo telefone)—Faleceu, esta madrugada, o capitão reformado sr. João Baptista Loureiro, de 70 anos, natural de Coimbra, e que ontem, ao subir para um carro electrico, no Largo da Portela, foi colhido pelo atrelado que lhe esmagou as pernas.

Tenente José Alves Ribeiro

ALCOBAÇA, 22—Com 62 anos, faleceu o sr. tenente José Alves Ribeiro. Deixa viuva a sr.ª D. Maria José Ferrão Ribeiro, e era pai das sr.as D. Vitória Ferrão Ribeiro e Ema Ferrão Santos André, e do sr. Artur Ferrão Ribeiro, e sogro do sr. Ilidio dos Santos André.

SUFRAGIOS

António Alves de Carvalho

Mandada rezar por sua familia, realiza-se ámanhã, 23, pelas 11 horas, na igreja da Conceição Nova, missa de sufragio por alma do antigo funcionario do Banco de Portugal, sr. António Alves de Carvalho.

VIDA DESPORTIVA

FUTEBOL

Os árbitros da próxima jornada da primeira divisão

Para os jogos da primeira divisão no proximo domingo, foram designados os seguintes árbitros:

Vitória de Guimarães-Académica, António Passos (Porto); Vitória de Setubal-Oliveirense, Gameiro Pereira (Lisboa); Atlético-Boavista, José da Silva Pires (Setubal); Benfica-Belenenses, Abel Ferreira (Lisboa); F. C. Porto-Sporting, Augusto Pacheco (Aveiro); Olhanense-Elvas, Augusto Oliveira Machado (Lisboa).

BOX INTERNACIONAL

LONDRES, 22.—Em 12 de Abril realizar-se-á em Glasgow um combate de box entre o campeão do Mundo de ligeiros, Jackie Patterson, e Joe Curran, de Liverpool.—(Reuter).

VÍTIMAS DA INOCÊNCIA

COIMBRA, 22.—(Pelo telefone).—Uma pequenina de 4 anos, de nome Maria dos Anjos, moradora na Rua Martins de Carvalho, lançou, por ignorancia, uma substancia venenosa, destinada a matar ratos, na panela da sopa já preparada para ser servida.

Tanto a pequena Maria dos Anjos como duas pessoas de sua familia, Jacinto Alexandre e Alfredo Pereira da Costa, que comeram da sopa, foram conduzidos aos Hospitais da Universidade, a-fim de sofrerem lavagem ao estómago.

PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO

extraido das 51 Bases do Acordo Luso-Brasileiro, com 2.000 palavras e expressões. PREÇO 10 ESCUDOS. À cobrança 11 escudos. Edição da Revista «OCIDENTE». R. de S. Félix, 77, 1.º, Dt.—Lisboa.

«ROJODEN»

A pasta de fama mundial

ROJODEN - ENCARNADO—tinge e desinfecta as gengivas.
ROJODEN - BRANCO - O que melhor limpa os dentes.
ROJODEN - ENCARNADO — Indispensável a todas as mulheres.
ROJODEN - BRANCO — Brilho sem igual
ROJODEN - ENCARNADO - Unico e sem rival.
ROJODEN - BRANCO — Fora de toda a concorrência.

LUVAS

Salão dos Plissados

R. 1.º Dezembro, 64

CARTA DE PARIS

Um conselho às senhoras

Para prender o marido em casa

não há melhor argumento

do que um bom par de pantufas...

PARIS, Janeiro (Extinfor)—Há contos muito velhinhos que as circunstancias da vida nos fazem recordar. Como exemplo, citarei a história da Gata Borralheira. Todos sabem que o pobre bicho de cozinha, transformado em princesa pelas três pancadas da varinha de condão da sua madrinha, a fada, fugiu tão depressa do palácio do rei, quando soou a meia noite, que perdeu a linda chinela. Grande benefício, na realidade, porque foi graças a esta que se encontraram vestígios da fugitiva. O que me enternece nesta aventura, é precisamente a chinela. Quando chega a esta altura da história, gosto de me deter a pensar naquela delicada obra-prima, semelhante a um dos nossos modernos sapatos de baile, e admiro que, já naquele tempo (era no tempo das fadas), se pensasse em aliar a comodidade á elegancia. Porque vejo o sapatinho da Gata Borralheira, como eu gostaria de o calçar, em noite de inverno, quando a minha caleche feita de uma abóbora me levasse ao palácio do rei, e imagino-o macia como uma luva, em pelica doirada, todo forrado de branco, tão leve e tão quente, que eu tivesse vontade de bailar, só calçando-o.

Hoje, não é preciso um príncipe encantado, nem sequer uma fada madrinha para acudir a uma mulher prudente. Não saberá, sózinha, escolher o sapato que melhor lhe fica e, se é obrigada, para afrontar as neves e as geadas a calçar, para a rua, pesados sapatos de ski, ou calçado de desporto com solas grossas, não será isto mais uma razão para se alegrar quando, em casa, possue as encantadoras pantufas que foram inventadas para ela pelos sapateiros de mais nomeada?

Os tempos actuais, tão desfavoráveis á vida de sociedade, têm, pelo menos, isto de bom: restituiram a intimidade ao lar. Nenhuma senhora tem hoje o direito de se apresentar, em sua casa, mal vestida e, acima de tudo, mal calçada, quando tantas possibilidades se lhe oferecem de estar cómoda com sapatos que, por serem frágeis, não são menos quentes e apetitosos. Vejamos em primeiro lugar—a Cesar o que é de Cesar—o botim. Assente em solas de madeira ou de cortiça, cobre o pé e o tornozelo, e lembra as botas elegantes das nossas mães, em veludo ou em pano; forrados de carneira ou de pele de coelho, são feitos á imagem e semelhança do conforto e depois, é tão fácil bordá-los com lindas combinações de lãs coloridas, ou mesmo com pérolas! Dos botins da manhã, que se calçam para a hora das arrumações, aos sapatos de baile em brocado, em cetim ou em lhama, existe uma gama variada de brodequins capaz de satisfazer os gostos mais exigentes. Estou a vê-las, com um comprido vestido de casa, avançando, sob a orla macia da saia, um pézinho que um botim de cetim preto, enfeitado com vidrinhos ou contas de cristal, fará aparecer com imensa sedução.

Falamos das pantufas e da arte de conservar os pés quentes. Há pantufas de tapeçaria que voltam a estar na moda e que se enfeitam como mais se gostar, com leões ferozes, pássaros fabulosos ou flôres de colorido maravilhoso; há chinelas de cetim, de cores suaves, com saltos altos, todas guarnecidas com arminho; há sapatos de cano alto que se podem confeccionar com restos de fazenda, babuchas que lembram o Oriente e, também, para as senhoras de aspecto bastante masculino e, principalmente, que dispõem de meios bastantes para os adquirir, os sapatos «depois-do-ski» que fazem furor nas estancias hibernais. Ainda há, mimosos, frágeis, mais elegantes do que quentes, os coturnos de oiro e de prata, que só costumam calçar-se nas grandes noites.

Mas, a tudo isto, confesso preferir os sapatos de bico das senhoras elegantes dos tempos idos, os sapatos que evocam as enormes salas lageadas e frias dos castelos da Idade-Média, com que fiavam, dias seguidos, as castelãs com os pézinhos gelados. E depois, afinal de contas, se tiverem frio, nada as impede de usar escalfetas; dar-lhes-á um ar de senhora antiga que contrastará com a frescura do rosto e os cabelos loiros.

Contra as ofensivas do gelo e da chuva, aconselho os sapatos de «ski», em pele de foca; nunca se rompem e são impermiáveis ao frio. Também há os sapatos para a neve, as botas, alguns botins muito sólidos e até as botas altas atacadas, com a condição, evidentemente, que o sapateiro faça um desconto, e que as pernas não sejam muito grossas. Mas, afinal de contas, para quê sair quando o frio é muito? O canto da chaminé atrai-nos, com a beleza das chamas rubras, e as pantufas tão macias esperam-nos—amigas certas e silenciosas.

HÉLÈNE CINGRIA

Confraternização de beirões

CASTELO BRANCO, 21—Como tem sido noticiado, é no dia 26 que os beirões da Baixa confraternizarão nesta cidade, capital do seu distrito.

Esta festa, que é da iniciativa da Covilhã e desta capital, terá a colaboração das camaras de todo o distrito e constituirá uma verdadeira embaixada de amizade. Do programa de recepção consta cerimónia de cumprimentos ao governador civil, visita aos monumentos da cidade, inauguração duma exposição de fotografias da Beira Baixa e, á noite, banquete à americana, com a colaboração da orquestra Sousa Pinto.

Noticias de Belmonte

BELMONTE, 22—Entre alguns melhoramentos incluidos no plano de obras para 1946, figura o fornecimento de água.

—Com o presidente da Camara avistou-se uma comissão composta pelos srs. Emidio Gonçalves Tavares Lourenço, José Lopes e Clemente Ambrosio, os quais pediram, em nome do povo do Colmeal, que a mesma povoação, seja elevada á categoria de freguesia. Aquela entidade deixou aos comissionados as melhores esperanças, prometendo que apoiaria a aspiração pedida.

—Caiu o primeiro nevão desta época. Das cercanias do castelo, até onde a vista atingia, era um vasto manto de neve, onde o luar punha cintilações admiraveis.

O «Diario de Lisboa» vende-se em Pampilhosa do Botão na casa de Antonio Duarte.

Explosão de polvora

que feriu um trabalhador

ARGANIL, 22. — Quando António Simões Pires e seu sogro, António das Neves, abriam um tronco de pinhero, resolveram, para facilitar o seu trabalho, abrir um buraco e introduzir-lhe um pouco de pólvora.

Ao dar-se a explosão o Simões Pires, que não se afastara suficientemente, foi colhido por um fragmento de madeira que lhe causou um frimento grave na cabça, pelo que teve de ser conduzido do lugar em que reside, o Casal do Frade, a esta vila, para dar entrada no hospital local. Aqui, porém, verificou-se que o seu estado era muito melindroso, pelo que o ferido foi transferido para o hospital da Universidade de Coimbra, onde será operado.

O António Simões Pires, que sofreu fractura da base do cranio, tem 26 anos de idade e é casado com Mabilde Lopes.

O centenário de Eça de Queirós

A Casa de Entre-Douro-e-Minho, que se associou às comemorações do centenário de Eça de Queirós com a realização de um notável ciclo de conferências, encerra essa série na próxima sexta-feira, dia 25, com um serão a que preside o sr. ministro da Educação Nacional e que terá o seguinte programa: «O Minho na obra de Eça de Queirós», palestra pelo presidente da direcção, sr. dr. João Valério; leitura de trechos queirosianos, pela poetisa sr.ª D. Georgina Cardoso dos Santos; palavras de encerramento das comemorações, pelo sr. prof. dr. Queirós Veloso, presidente da assembleia geral.

Missão espanhola

de Ciências Económicas

Em avião, chegou já a Lisboa o professor Segismundo Royo Villanova e, no «Lusitania-Expresso», são ámanhã esperados os seus colegas Ruiz Morales e Valentin Andrés, que constituem a missão espanhola de ciências economicas a que preside o professor Fernando Maria Castiella e que, a convite do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, vem ali realizar uma serie de conferências. A sessão inaugural realiza-se ámanhã, ás 22 horas, sob a presidencia do sr. ministro da Educação Nacional.

Pronto Socorro na ASMA

O ASTHMADOR do Dr. Schiffmann tem a preferência de milhares de pessoas que o recomendam, porque há 70 anos que vem proporcionando alivio imediato nos ataques de asma, sufocos, sufocantes e violentos. Uma ou duas aspirações do seu fumo aromático, e a respiração volta a ser normal.

Não sofra: Compre, queime e aspire ASTHMADOR.

A venda nas farmácias
Pó: Lata de 100 grs., 16$00
Cigarros: 12, 7$00; 24, 13$00

Distribuidor:
RAUL GAMA — LISBOA

BEFORE BUYING OR SELLING

Gold, diamond silver. Jewellery, consult the all-portuguese firm Morais, Rua Nova do Almada, 98, phone: 27662.
Swiss watches, rings, bracelets, filigree a speciality.
Repairs executed in own workshop.

Ana Feio Borges

Missa do 1.º aniversário

Emidio Borges, Sebastião Feio Borges, António Julio Feio Borges e sua mulher Olga Feio Borges, e mais familia, participam que amanhã, pelas 10 horas, na capela do cemitério do Alto de S. João, será celebrada Missa de côrpo presente, do 1.º aniversário do falecimento da sua sempre querida e estremosa Mulher, Mãe, Sógra e Parente. Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

D. Ana Feio Borges

Missa do 1.º aniversário

RECAUCHUTAGEM BORGES participa que amanhã, pelas 10 horas, será celebrada na capela do cemitério do Alto de S. João Missa de corpo presente, do 1.º aniversário do falecimento da esposa e mãe dos seus proprietários e gerentes. Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

D. MARGARIDA PINTO DE SOUZA COUTINHO

(BALSEMÃO)

Missa do 7.º dia

Dr. Joaquim Fernandes de Brito Camello de Gouveia e mais familia mandam rezar missa por Alma de sua querida Esposa, Mãe, Sogra, Irmã e Cunhada, amanhã, dia 23, pelas 12 horas, na Igreja dos Martires, agradecendo, desde já, a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, não tendo feito participação do falecimento por expressa determinação da finada.

AGENCIA MAGNO

Os comunistas retiraram

a candidatura de Thorez á presidencia

e propõem Felix Gouin

O nome de Herriot também é indicado

PARIS, 22—O antigo primeiro ministro Edouard Herriot, chefe do Partido Radical, é considerado como um dos possiveis chefes do novo Governo francês. Herriot chegou esta manhã a Paris vindo de Lyon. Interrogado sobre o seu modo de ver ácerca da situação actual, Herriot declarou:

—Eu não seimaisdoque ro publico. Tive conhecimento da crise pela rádio.

O Partido Radical realizou esta manhã uma reunião especial para examinar a situação. Os comunistas retiraram hoje a candidatura do seu chefe Maurice Thorez ao cargo de primeiro-ministro e apresentaram em lugar dele o nome de Felix Gouin, presidente da Assembleia Constituinte, que é socialista. Esta proposta que já se previa está a ser estudada.

Os chefes do Movimento Republicano Popular esperam vencer a oposição dos seus próprios partidários quanto a participarem num Governo de três partidos, mas insistem em que se mantenha Georges Bidault, presidente da Comissão Executiva do Partido, no cargo de ministro dos Negocios Estrangeiros. Sabe-se que Bidault está extremamente ansioso de regressar a Londres e defender os interêsses da França na Assembleia das Nações Unidas.—(R.).

A Imprensa francesa deplora

o momento da eclosão da crise

(Continuação da 1.ª pag.)

por ele apresentadas. O jornal das direitas «Figaro», diz: «De Gaulle afirma que a sua tarefa está concluida e o país já não está em perigo. A imensa maioria de cidadãos franceses pensa de maneira contrária».

Léon Blum escreve no «Populaire»: «O pais sente-se contrário á afirmação do general De Gaulle no estado duma crise crescente moral e material». O orgão radical «Voix de Paris» diz que o país está ameaçado da inflação, do desastre económico e da miséria, no momento em que o general De Gaulle abandona o poder.—(Reuter)

A impressão em Londres

LONDRES, 22.—Com a situação politica em França ainda num estado de indecisão, os jornais britanicos mostram-se com muitas precauções nos seus comentários á demissão de De Gaulle.

Embora as apreciações dos resultados estejam em jogo, diversos jornais exprimem a esperança de que os politicos franceses não recairão na confusão politica de antes da guerra, nem na incerteza.

O «Times» declara que «enquanto o sistema politico e economico francês continuar no seu actual estado indeterminado, a personalidade do general De Gaulle continuará a ser um factor dominante.

A atracção e a aversão para o poder pessoal são os temas alternados e complementares da historia francesa, há mais de um século. De Gaulle deve estar inteiramente inocente de quaisquer agressões pessoais. Mas é inevitavel que haja franceses que as nutram em seu lugar. E' igualmente inevitavel que haja outros franceses que se enganam a seu respeito».

Passando em revista as causas imediatas da crise, o «Times» declara que, desde que o rigido regime nazi foi triunfalmente derrubado, «a França ficou económicamente empobrecida e nenhum Governo francês com os males da ocupação precedente pode abrir caminho fácil para o restabelecimento das disposições necessárias para fiscalizar a organização e a disciplina civil que são essenciais para o ressurgimento económico. A administração do general De Gaulle teve o seu ponto mais fraco na questão económica. A situação quanto á politica externa francesa pode também ter contribuido para aumentar o descontentamento contra a chefia do general De Gaulle. Como chefe de um pequeno grupo de franceses leais no exilio, o general deliberadamente e, porventura, com muita prudência procurou manter o espirito francês e o prestigio francês por vigorosas e por vezes abruptas afirmações da independência da França quanto á politica e aos desejos das outras potências».

Mas—acrescenta o «Times»—como base para uma politica externa de um Governo estabelecido, esse método traz resultados menos satisfatórios. O articulista prossegue: «O general De Gaulle nunca conseguiu tornar-se persona grata» em Washington. As suas tentativas, em dado momento, para estabelecer relações intimas com Moscovo falharam. Além disso, ele complicou as relações já dificeis com a Grã-Bretanha pela má actuação no Levante, cujos infelizes resultados não foram ainda satisfatóriamente liquidados».

Sobre a questão da pessoa que virá a suceder ao general De Gaulle, o «Times», considera que «a aceitação de um chefe comunista pelos outros partidos á improvável e que os nomes dos mais eminentes ministros da III Republica, que têm sido apresentados como candidatos, não podem senão dar uma chefia provisória para resolver a crise. Nenhum desses nomes parece indicado para a solução radical do problema em aberto».

Escrevendo no «Daily Telegraph», Colin Coots, diz que as perspectivas para a França não serão boas por duas razões:—«Primeiro, é que a resignação do general De Gaulle não foi realmente resultante duma dessas intrigas nos bastidores politicos que se empregavam para derrubar os governos franceses; segundo, é que os três partidos estão absolutamente conscios de que a nação odeia o regresso á instabilidade politica. Talvez por isso o general De Gaulle tenha razão em pensar que a França pode agora singrar sem ele. Em qualquer hipótese ele não errou tomando a atitude da demissão. Embora não se deva pensar que ele pretenda fazer um jogo politico, não é impossivel que o seu afastamento seja temporário».

O articulista mantém a opinião de que, se existir um certo grau de estabilidade politica e «a crise não degenere num beco sem saída, não há razão para pensar que a França não continui a reconquistar o seu lugar na Europa».

O orgão conservador independente, «Daily Sketch» declarando que é dificil prever a sequencia da crise, afirma que «a França tem uma grande divida para com o general De Gaulle e que, nesta conjectura, não pode permitir-se perder os seus serviços como Chefe do Estado. Ficariamos muito satisfeitos se se justificasse a nossa esperança de que a situação tenha remédio, mas parece irreparavel».—(Reuter).

Em Nova York vê-se com receio o afastamento de De Gaulle

NOVA YORK, 22—O «New York Herald Tribune», comentando hoje a resignação do general De Gaulle do cargo de chefe do Governo francês, declara que os acontecimentos nos ultimos dias em Paris constituiram um sério golpe vibrado na reconstrução da França e da Europa. O articulista acrescenta: «A resignação do general De Gaulle introduziu um grave elemento de confusão na já extremamente perturbada situação internacional». O «New York Times», que censura os comunistas, proclama que ninguem pode «roubar ao general De Gaulle o lugar que lhe compete na historia».—(R.).

Os pedidos de representação das organizações operárias

LONDRES, 22 — A Comissão Geral da O. N. U. (Organização das Nações Unidas) adiou a sessão á 1 hora e 5 de hoje, sem tomar qualquer decisão sobre os pedidos da Federação Americana do Trabalho, da Aliança Cooperativa Internacional e da Federação Democrática Internacional das Mulheres para lhes ser dada representação no Conselho da O. N. U. As discussões sobre os pedidos duraram cerca de 4 horas.—(Reuter).

VINCENT AURIOL

No Senado americano

prossegue o obstracionismo

dos senadores do sul

WASHINGTON, 22.—A táctica de discursos continuos prossegue no Senado americano, á medida que os senadores do sul tentam impedir a aprovação do projecto de lei de emprego destinado a tornar ilegal a distinção de côres entre os trabalhadores na industria.

O senador Richard Russell, da Georgia, respondendo ás ameaças republicanas de manter o Senado numa sessão continua até se ter votado o projecto de lei, disse: «Podem trazer para aqui as suas camas, e dormir aqui; mas nós trazemos tambem as nossas».

Os senadores do sul parecem resolvidos a levar por diante a sua táctica obstrucionista, a despeito da forte campanha contra eles levantada na Imprensa de Washington e Nova York. A palavra «negro» não foi mencionada uma só vez no debate de ontem.—(R.).

O CEREBRO MUSSOLINI

está a ser estudado nos Estados Unidos

NOVA YORK, 22.—O vespertino de Nova York «P. M.» anuncia que o cerebro de Benito Mussolini se encontra ainda intacto, depois de ter sido trazido de Milão para Washington, onde está a ser examinado por medicos do exercito norte-americano. Acrescenta que os cientistas americanos estão especialmente interessados em verificar se o Duce sofria de paresia geral. O exame preliminar feito ao cerebro de Mussolini na Universidade de Milão não acusou sinais de que o Duce sofresse de tal doença.—(U. P.).

«SEMPRE FIXE»

«Sempre Fixe» começará a publicar no seu numero que amanhã é posto á venda, uma página desportiva especialmente dedicada ao futebol, com o titulo «Rebola a bola», na qual serão focados e criticados sob uma forma humoristica os acontecimentos da semana.

E' uma página para o grande publico apaixonado da bola, que tambem aprecia a boa graça portuguesa.

Os acontecimentos

na Grécia

resultam duma conjura

de partidários

do rei Jorge

ATENAS, 22—Circulos governamentais descreveram ontem á noite os acontecimentos do Porto de Calamata, no Peleponeso, como um movimento prematuro da organização monárquica «Khi». Era uma conjura monárquica, cuidadosamente preparada para o regresso do rei Jorge. A conjura foi preparada por numerosos antigos oficiais que actualmente servem no exército e actuaram em cooperação estreita com os representantes do rei na Grécia, segundo informam esses circulos.

Segundo o Governo, os partidários da organização «Khi» no Peleponeso são em numero de 15.000 e achavam-se armados com armas automáticas e espingardas conseguidas ou da ELAS ou fornecidas pelo Governo britanico, para equipar o novo exército grego, ou armas entregues pelos civis, depois do fim da guerra civil.—(Reuter).

O perigo ainda não passou

ATENAS, 22—Circulos governamentais acentuam que formações paramilitares «Khi» foram dirigidas por grêgos que serviram durante a ocupação alemã em batalhões de segurança protegidos pelos alemães e que desde essa altura têm servido em forças regulares grêgas. Essas fontes de informação afirmam igualmente que numerosos colaboracionistas servem no movimento «Khi». O nome do chefe da «Khi» na area de Calamata é Spiro Manganas, que há pouco foi condenado á morte por colaboração e indultado.

Acrescenta-se que o restabelecimento da ordem em Calamata não quer dizer que o perigo dos monárquicos tenha passado por completo, pois até agora o Governo não conseguiu realizar transferencias suficientes no exército de forma a fiscalizá-lo por completo.

Entretanto, as fôrças dos monárquicos grêgos retiram do Porto de Calamata para a aldeia de Gardiki, a 8 quilómetros ao norte, levando consigo 200 refens.

O bispo e o presidente do Municipio de Calamata não conseguiram persuadir os membros da «Khi» a libertar os refens.—(R.).

O Governo foi convocado para hoje

ATENAS, 22—A reunião extraordinária do Gabinete foi convocada para hoje, a fim de ratificar uma lei de emergência para tratar da situação criada pelas desordens.—(R.).

Explosão de munições

num porto da Itália

LONDRES, 22 — Uma explosão de munições causou estragos consideráveis no porto de Torre Annunziata, ontem, á tarde, segundo informou ontem, á noite, a rádio de Roma.

Enquanto as munições estavam a ser descarregadas de seis vagões ferrovários para serem embarcadas a bordo de um navio, um vagão explodiu e em seguida explodiram os restantes cinco.

A rádio acrescentou que se não conhecem ainda as baixas, mas a estação ferroviária de Torre Annunziata e edificios próximos sofreram estragos «gravissimos». Ambulancias de Nápoles e de todos os hospitais aliados nessa região acorreram ao local do desastre.—(R.).

Escudos - 18$00

E' o preço com vinhos dos famosos e suculentos **Almoços** e **Jantares** do Velho CAFE' RESTAURANTE SUÍÇO

8—Praça D. João da Camara—10